

4 Análise de Dados

4.1 Considerações iniciais

Para procedermos à análise de dados, é importante que relembremos nossos objetivos, apresentados na introdução deste trabalho. Como vimos, esta pesquisa visa apresentar e descrever o uso dos pronomes de tratamento *o senhor/a senhora* e *você* no português brasileiro, mostrando sua relevância para o ensino de PL2-E, a partir:

- (1) da identificação e análise dos fatores sócio-culturais envolvidos na escolha de cada um destes pronomes de tratamento;
- (2) da identificação dos contextos que condicionam as escolhas dos informantes;
- (3) da possibilidade de uma negociação de tratamento e como esta se realiza.

Contudo, é importante reforçarmos aqui que este trabalho não tenciona esgotar o assunto em virtude da complexidade do tema e do fato de não ser possível abordar todo um leque de situações sociais que o cotidiano nos permite vivenciar.

Para uma melhor organização e apresentação dos dados coletados, distribuímos os quatorze itens da primeira parte da entrevista entre quatro grupos distintos.

O primeiro grupo refere-se àquelas pessoas com as quais os informantes possuem grau de parentesco, ou seja, inclui o pai, a mãe, o sogro e a sogra dos informantes.

O segundo grupo refere-se àquelas pessoas com as quais há uma relação de subordinação e poder, ou seja, inclui o chefe, a empregada, o(s) porteiro(s) e aqueles que representam uma autoridade.

O terceiro grupo refere-se a professores do sexo masculino e do sexo feminino, enfatizando a relação professor/aluno. Optamos não incluir professores e professoras no segundo grupo por acreditarmos que, atualmente, a relação professor/aluno caracteriza-se por uma atenuação dos sentimentos de subordinação e poder proporcionada pela informalidade praticada no contexto universitário, principalmente, e até mesmo no ensino secundário, o que não significa, contudo, haver menos respeito pelo professor ou um não reconhecimento de sua autoridade. Reconhece-se a autoridade do professor como especialista em determinado assunto, não como aquele a quem devemos obediência para não correremos o risco de punição.

Antes de darmos prosseguimento à análise do quarto grupo, apresentaremos considerações parciais a respeito dos três primeiros grupos analisados, destacando os elementos mais relevantes.

Em relação ao quarto grupo e seus quatro itens – *mulheres da sua faixa etária, homens da sua faixa etária, mulheres mais velhas que você e homens mais velhos que você* –, uma vez que a questão da faixa etária permeia com mais ou menos intensidade os itens dos três grupos mencionados anteriormente, poder-se-ia pensar na irrelevância de formular perguntas com base na faixa etária. Entretanto, com exceção do item *autoridade*, para o qual não esperávamos obter como resposta o fator idade quando questionados os informantes sobre o porquê da escolha de determinado pronome, e de fato não obtivemos, os outros nove itens baseiam-se em relações entre pessoas necessariamente conhecidas. Sendo assim, imaginamos os quatro itens deste quarto grupo de forma generalizada, incluindo mulheres e homens anônimos, ou seja, que não fazem parte do círculo de conhecidos dos informantes. Nosso objetivo era, assim, verificar a existência de algum outro fator que pudesse concorrer para a escolha do tratamento destinado a conhecidos cujos papéis não tivessem sido definidos (como nos primeiros três grupos) e a desconhecidos, já determinada a faixa etária destes e excluindo-se o fator intimidade por estarmos tratando de desconhecidos. Devido a isto, decidimos apresentar a análise dos itens do quarto grupo somente após a análise de todos os outros que compõem a primeira parte da entrevista e a elaboração de conclusões parciais.

Em cada um dos quatro grupos a que nos referimos anteriormente, serão apresentadas tabelas elaboradas a partir das entrevistas feitas com nossos trinta

informantes, quinze informantes do sexo masculino, com idades entre 21 e 57 anos, e quinze informantes do sexo feminino, com idades entre 24 e 53 anos, para que seja possível a visualização do número de ocorrências referentes ao emprego de cada pronome como tratamento destinado àqueles que compõem estes grupos.

Em relação à segunda parte da entrevista, composta de duas perguntas, a análise de dados será apresentada na seção “Outros casos”, onde consideraremos o tratamento dirigido aos filhos e o tratamento que os informantes esperam receber em situações por eles mesmos mencionadas.

Finalmente, apresentaremos considerações a respeito da possibilidade de uma negociação do tratamento entre os interactantes.

4.2

Grupo 1: relações de parentesco

Este grupo, representativo de um contexto familiar e remetente ao espaço da “casa” (cf. DaMatta, 1997), inclui os itens 1, 2, 3 e 4 da entrevista, referindo-se, respectivamente, ao pai, à mãe, ao sogro e à sogra dos informantes.

4.2.1

Pai e mãe

Em relação ao tratamento utilizado com pais e mães, observou-se que *você* é o pronome mais utilizado entre os informantes de ambos os sexos, havendo, contudo, embora seja uma diferença muito pequena, um maior número de ocorrências de *o senhor/a senhora* entre os homens e um maior número de ocorrências de *você* entre as mulheres, como podemos verificar nas Tabelas 1 e 2 a seguir:

HOMENS (15)	
Tratamento	Nº de ocorrências
pai e mãe (<i>o senhor, a senhora</i>)	5
pai e mãe (<i>você</i>)	6
pai (<i>você</i>) e mãe (<i>a senhora</i>)	1
pai (<i>o senhor</i>) e mãe (<i>você</i>)	1
pai (<i>o senhor, você</i>) e mãe (<i>a senhora, você</i>)	2
pai (<i>o senhor</i>) e mãe (<i>a senhora, você</i>)	0
pai (<i>o senhor, você</i>) e mãe (<i>senhora</i>)	0
pai (<i>você</i>) e mãe (<i>a senhora, você</i>)	0
pai (<i>o senhor, você</i>) e mãe (<i>você</i>)	0

Tabela 1: Tratamento destinado a pais e mães (1)

MULHERES (15)	
Tratamento	Nº de ocorrências
pai e mãe (<i>o senhor, a senhora</i>)	4
pai e mãe (<i>você</i>)	7
pai (<i>você</i>) e mãe (<i>a senhora</i>)	0
pai (<i>o senhor</i>) e mãe (<i>você</i>)	1
pai (<i>o senhor, você</i>) e mãe (<i>a senhora, você</i>)	0
pai (<i>o senhor</i>) e mãe (<i>a senhora, você</i>)	2
pai (<i>o senhor, você</i>) e mãe (<i>senhora</i>)	0
pai (<i>você</i>) e mãe (<i>a senhora, você</i>)	0
pai (<i>o senhor, você</i>) e mãe (<i>você</i>)	1

Tabela 2: Tratamento destinado a pais e mães (2)

Rodrigues et al. (1992) enfatiza que o uso dos pronomes em questão varia de acordo com a ‘situação social’, sendo *você* utilizado, entre outras situações, normalmente por filhos no tratamento com seus pais, mas que *o senhor/a senhora* pode ser também utilizado no tratamento com os pais quando estes são muito tradicionais e exigem formalidade ou quando têm idade mais avançada, o que foi possível confirmar por meio das respostas dadas pelos informantes ao serem questionados sobre os fatores que determinavam suas escolhas.

Os seis informantes do sexo masculino que utilizam o pronome *você* no tratamento com pai e mãe citaram a informalidade da relação, a proximidade, a intimidade e o fato de seus pais nunca terem exigido o tratamento *o senhor/a*

senhora, ou seja, o costume familiar citado por Rodrigues et al. (1992) como fatores determinantes de suas escolhas, como mostram os trechos das entrevistas referentes aos pais apresentados abaixo:

- I03:** Porque nunca me foi exigido um tratamento mais formal e a gente tem um relacionamento muito mais... né, informal, digamos assim.
- I05:** Também pelo mesmo motivo: pelo trato íntimo. E também por ela não exigir que chamasse/ que a chame de *senhora*.
- I07:** Fui criado assim.
- I17:** Pela relação entre pai e filho. Na minha família não existe a necessidade de utilizar um pronome de tratamento formal do tipo *senhor*.
- I22:** Porque... ((silêncio)) Porque *senhor* eu só uso em casos de MUITO respeito. Não que eu não tenha respeito pelo meu pai, mas que... como é/ como são/ somos pessoas PRÓXIMAS, a gente se trata de *você*.
- I26:** Ah, intimidade! Não tem... assim... Eu também acho que ele não gosta muito de chamar ele de *senhor*.

Os trechos acima referem-se tanto ao tratamento com os pais quanto ao tratamento com as mães. Em todos os casos, ao serem questionados sobre o tratamento utilizado com a mãe, os informantes não apresentaram motivos diferentes, limitando-se todos à resposta “pelo mesmo motivo”.

Respostas semelhantes foram obtidas dos sete informantes do sexo feminino que afirmaram utilizar o pronome *você* no tratamento com pai e mãe, sendo os motivos apresentados os mesmos apresentados pelos informantes do sexo masculino, também para ambos os pais:

- I04:** Intimidade e ele não exige que eu chame ele de *senhor*. Nunca houve essa... esse ensinamento, né? E ele também não chama o pai dele de *senhor*... na minha família não tem esse hábito.
- I06:** Porque eu sempre fui acostumada assim... desde que/ desde pequena...
- I09:** Pela proximidade familiar.
- I11:** Ah, porque a gente foi criado assim... Eles não... não nos ensinaram a chamar de *senhor/senhora*. Foi/ É uma relação mais próxima. Então é *você* pro pai e pra mãe.
- I12:** Não sei. Fui criada assim. Nunca teve... eh:: muita... Nunca teve muita formalidade no tratamento com os meus pais.
- I19:** Pela intimidade que a gente tinha, o carinho... Eu não via ele como uma autoridade, mas sim como um amigo.
- I21:** Porque... nunca... senti a necessidade de chamar de *senhor*. Foi... tratado assim, ele nunca exigiu.

Os cinco informantes do sexo masculino que utilizam o pronome *o senhor/a senhora* no tratamento com pai e mãe citaram a criação recebida (costume familiar), o respeito e a idade dos pais como fatores determinantes de suas escolhas:

- I02:** Uma questão de respeito.
I23: Ah, eu acho que já era por... tradição, mas eu gosta/ na realidade eu gostaria de chamar ele de *você*.
I24: Criação.
I25: Questão de respeito, né? Costume, né?
I27: Era uma questão de de de respeito, de deferência e:: e:: então... e:: havia uma uma preocupação nesse sentido.

É interessante observarmos a preocupação de I23 em não pôr em risco a face de seu pai e, ao mesmo tempo, proteger a própria face (cf. Goffman, 1967). Ao utilizar o pronome *o senhor* no tratamento com seu pai, ele atende a um desejo ou a uma imposição do pai em detrimento do seu próprio desejo de utilizar o pronome *você*, ou seja, lança mão de uma estratégia de polidez negativa (seja deferente) que compreende uma estratégia de polidez positiva (atender ao ouvinte no seu desejo de ser tratado como *o senhor*) (cf. Brown & Levinson, 1987).

Assim como os informantes do sexo masculino referidos acima, as quatro informantes do sexo feminino que afirmaram utilizar o pronome *o senhor/a senhora* no tratamento com pai e mãe apresentaram as mesmas razões para tal:

- I08:** Eh:: Pela idade... e:: por respeito.
I13: Por tradição de família...
I14: Por causa da idade dele.
I15: Sentido de respeito.

Novamente, em todos os casos acima, ao serem questionados sobre o tratamento utilizado com a mãe, os informantes de ambos os sexos não apresentaram motivos diferentes, limitando-se todos a responder “pelo mesmo motivo” ou a repetir a resposta dada em relação ao pai.

As nove respostas anteriores evidenciam haver limites bem definidos no espaço da *casa*, onde somos classificados pela idade e pelo sexo, e a importância

de preservarmos as tradições de família (DaMatta, 1986). Dessa forma, utilizar o *senhor/a senhora* como tratamento destinado aos pais é uma forma de se resguardar valores tais como o respeito.

Quanto ao uso diferenciado dos pronomes, sendo um dos pronomes escolhido para o pai e o outro para a mãe, as Tabelas 1 e 2 revelam haver três ocorrências: uma ocorrência entre os homens para a utilização de *você* no trato com o pai e *a senhora* no trato com a mãe, o que se deve, segundo o próprio informante (I29), ao espaço dado pelo pai para que seja utilizado o pronome *você*, diferentemente do espaço dado pela mãe; uma ocorrência entre os homens (I30) e uma entre as mulheres (I10) para a utilização de *o senhor* no trato com o pai e *você* no trato com a mãe, o que se deve a uma maior proximidade com a mãe em ambos os casos.

Em relação a I30 que acabamos de citar, quando questionado sobre o motivo que o levava a utilizar *o senhor* com seu pai, respondeu:

I30: É mais pela questão mesmo de... como é que se diz? De... educação, né? Sei lá! Mais pelo fato dele ser meu pai, né?

Já em relação a sua mãe, além do motivo pelo qual *você* é sua escolha, obtivemos uma informação adicional, a informação de que o tratamento dispensado à mãe mudou com o tempo, o que se explica por um aumento de proximidade entre os dois. Isto evidencia a influência de um fator não linguístico na decisão do informante e, consequentemente, a inexistência de regras sociais rígidas e imutáveis que determinariam a adequação de uma ou outra forma:

I30: A minha mãe, quando eu era menorzinho, eu chamava de *senhora*. Hoje eu chamo de *você*.

E: Por quê?

I30: Porque eu acredito que tem mais contato agora, ela recentemente ela ficou doente, eu tenho acompanhado bastante e... Algumas vezes também eu acho que esse *você/ esse senhora* envelhece a pessoa, né?

Ainda sobre o uso diferenciado dos pronomes no tratamento com os pais, I10 destaca o conservadorismo do pai e a amizade existente entre ela e sua mãe, demonstrando a autoridade “outrora” inerente ao pronome *o senhor* e até mesmo

um resquício do paternalismo na qual nossa sociedade foi estruturada (Prado Junior, 1971):

- E:** E por que o tratamento *senhor*?
- I10:** Ah, porque ele é assim uma pessoa assim muito conservaDOra, devido à educação que ele teve, e então... fica mais viável chamá-lo de *senhor*.
- E:** E qual o tratamento que você utiliza com a sua mãe?
- I10:** *Você*.
- E:** Por quê?
- I10:** Porque nós não somos praticamente mãe e filha, nós somos muito aMigas.

Quanto à utilização de ambos os pronomes com a mesma pessoa, observamos que há: duas ocorrências entre os homens em relação tanto ao pai quanto à mãe; duas ocorrências entre as mulheres apenas em relação à mãe (com o pai utiliza-se sempre *o senhor*); uma ocorrência entre as mulheres apenas em relação ao pai (com a mãe utiliza-se sempre *você*).

I16, um dos informantes do sexo masculino ao qual nos referimos no parágrafo anterior, afirmou que sua escolha dependia da situação em que se encontrasse, optando por utilizar *o senhor/a senhora* em discussões e conversas mais sérias (mesmo motivo apresentado em relação a sua mãe):

- I16:** Eh:: Em discussão, assim... ou quando eu tenho que falar alguma coisa mais séria, eu chamo de *senhor*.

O trecho acima evidencia as considerações de Meyer (1999) sobre o fato de que formalidade e distanciamento, bem como informalidade e proximidade, nem sempre estão associados. Uma discussão ou uma conversa mais séria entre I16 e seus pais poderia certamente ser classificada como formal e próxima, pois estamos diante de uma relação familiar.

O outro informante, I28, destacou a criação recebida como fator determinante para o uso de *o senhor/a senhora*, mas não soube explicar com detalhes o porquê da “mistura”, informando apenas que passou a utilizar *o senhor/a senhora* e *você* indiscriminadamente após uma certa idade, como vemos nos trechos abaixo, respectivamente sobre seu pai e sua mãe:

I28: Olha, como eu tenho uma educação mais antiga, eu chamava meu pai de *senhor*. Acho que nos últimos anos assim, quando eu também já estava mais velho, é que eu comecei a misturar um pouco com *você*.

I28: É... é igual. Hoje eu trato ela mais por *você*, mas também tem vezes que eu chamo ela de *senhora*. Mas a minha educação foi tratar sempre os mais velhos como *senhor* e *senhora*.

Por sua vez, as duas informantes do sexo feminino que utilizam os dois pronomes apenas no tratamento com a mãe, sendo *o senhor* a única forma utilizada no tratamento com o pai, indicaram motivos semelhantes somente em relação a seus pais: I01 destacou o respeito e a idade como fatores determinantes; I18 destacou o respeito e o fato de tratá-lo desta forma desde pequena:

I01: Mais pela idade mesmo e uma forma de respeito.

I18: Acho que é por questão de respeito, não sei. Desde pequena, sempre chamei ele de *senhor*.

Em relação a sua mãe, I01 apresentou um contexto bastante peculiar que favorece o uso de *você*: se uma filha briga com sua mãe, a autoridade desta mãe é de certa forma posta de lado, ficando ambas em pé de igualdade, ou seja, a reciprocidade do tratamento *você* confere ao espaço da “casa” o status de espaço da “rua” (cf. DaMatta, 1997). O respeito, o fato de tratar-se da mãe e a diferença de idade, como citado pela própria informante para o uso do pronome *a senhora*, tornam-se irrelevantes:

I01: Depende ((rindo)). Quando eu tô mais briGANdo com ela é *você*.

E: E quando não está brigando com ela? ((rindo))

I01: [Senhora.]

E: Por quê?

I01: Pela idade também... por ser mãe... todo um respeito.

I18 menciona um certo grau de proximidade com sua mãe e a preferência desta para explicar o uso de *você*. Entretanto, apesar de haver proximidade, afirma também utilizar *a senhora*:

I18: Minha mãe já depende. Como eu já tenho uma certa proximidade, no geral eu chamo de *você* e às vezes eu chamo de *senhora*, só que ela não gosta muito. Então, acho que também por causa de uma preferência DELA, acabo chamando de *você*.

O trecho acima ilustra que nem sempre a existência de proximidade, mesmo entre mãe e filha, determina exclusivamente o uso do pronome *você*. Especificamente no caso acima, poderíamos sugerir que o grau de proximidade entre as duas não parece ser tão alto, o que poderia justificar o uso de *a senhora* em algumas ocasiões; porém, sabemos que há de fato uma série de fatores condicionadores, fatores estes extralinguísticos, como o contexto no qual a interação entre os interlocutores ocorre, que vão determinar a escolha de um ou outro pronome. Podem interferir na escolha do pronome de tratamento o estado emocional dos participantes naquele determinado momento e a presença de outras pessoas, assim como pode a diferença de idade falar mais alto que a proximidade ou intimidade existente. É também bastante provável que nem sempre haja clareza entre as pessoas quanto às razões que as levam a optar ora por um pronome, ora por outro, ou seja, são razões e intenções subjacentes, o que pode ser o caso de I18, visto que o pronome *a senhora* não deixa de ser utilizado embora haja “uma certa proximidade” e o pronome *você* seja a preferência de sua mãe.

Por sua vez, I20 indicou claramente as situações que favorecem ora o uso de *o senhor*, ora o uso de *você* no tratamento com seu pai:

I20: Depende da situação. Geralmente, quando eu... tô na presença de outras pessoas eu chamo de *senhor* exatamente pra poder mostrar um certo respeito. Mas ele algumas vezes até brigou comigo pedindo pra que eu chamasse de *você*, então, geralmente em casa, é *você*. Na presença de outras pessoas é *senhor*.

Esta resposta corrobora a importância de se analisar o contexto de uma interação social. No caso de I20, os participantes envolvidos, o espaço físico, o objetivo do falante (mostrar respeito) e sua preocupação em não contrariar as expectativas do grupo social determinam a adequação do pronome. Devemos, portanto, considerar sempre as condições gerais sob as quais os pronomes de tratamento são utilizados.

Ao ser questionada sobre o uso do pronome *você* no tratamento com sua mãe, I20 respondeu:

I20: Porque eu acho que eu e minha mãe, nós temos um grau de proximidade maior e ela nunca mostrou irritação, desde que eu me conheço por gente, de chamar/ de chamá-la de *você*.

Mais uma vez, vemos a questão da proximidade e o costume familiar determinando as escolhas do falante.

Com base nos dados até aqui apresentados, podemos, então, afirmar que, em relação ao país, a escolha do pronome de tratamento depende dos costumes familiares, do grau de proximidade/intimidade existente entre pais e filhos e da idade dos pais, fatores cuja prevalência é determinada por cada indivíduo, sendo possível, portanto, observamos *o senhor/a senhora* ou *você*. Devemos, ainda, levar em consideração o contexto das interações, visto que uma “mudança” de pronome é muitas vezes motivada pelo espaço físico, pela presença ou ausência de outros participantes, pelo grau de formalidade ou seriedade da conversa, pelos objetivos do falante e pelos aspectos psicológicos, comportamentais e emocionais dos interactantes.

Por fim, é importante salientar que os informantes cujos pais já haviam falecido foram instruídos a informar o tratamento que utilizavam quando estes eram vivos. Portanto, as informações apresentadas anteriormente referem-se, inclusive, ao tratamento utilizado com os pais já falecidos.

4.2.2 Sogro e sogra

Quanto ao tratamento direcionado aos sogros e sogras, é importante salientar que tanto os pais das esposas e maridos quanto os pais dos apenas namorados e namoradas foram levados em consideração, pois o fato de nossos informantes serem casados ou não com seus parceiros não tem relevância para esta pesquisa. Foram também levados em consideração os sogros e sogras falecidos, devendo os informantes optar por uma das três alternativas dadas, ou seja, *o senhor/a senhora*, *você* ou *depende* (*dependia*, no caso dos já falecidos). Além disso, os informantes que não possuíam sogro e/ou sogra foram instruídos a informar como achavam que se comportariam frente a eles. Nosso objetivo com isso é simplesmente verificar se, além dos fatores que determinam as escolhas dos informantes em relação a um ou outro pronome de tratamento no trato com os sogros entre aqueles que de fato os têm, há algum outro que possa influenciá-las.

Dos quinze informantes do sexo masculino, um indicou como acha que trataria ou teria tratado sua sogra, pois conheceu apenas seu sogro, e um como acha que trataria ou teria tratado seu sogro, pois não o conheceu, sendo a sogra ainda viva. Dessa forma, os números apresentados na Tabela 3 referem-se a um total de treze informantes, sendo os outros dois informantes analisados separadamente na Tabela 4:

HOMENS (13)	
Tratamento	Nº de ocorrências
sogro e sogra (<i>o senhor, a senhora</i>)	11
sogro e sogra (<i>você</i>)	1
sogro (<i>você</i>) e sogra (<i>a senhora</i>)	0
sogro (<i>o senhor</i>) e sogra (<i>você</i>)	0
sogro (<i>o senhor, você</i>) e sogra (<i>a senhora, você</i>)	0
sogro (<i>o senhor</i>) e sogra (<i>a senhora, você</i>)	0
sogro (<i>o senhor, você</i>) e sogra (<i>senhora</i>)	1
sogro (<i>você</i>) e sogra (<i>a senhora, você</i>)	0
sogro (<i>o senhor, você</i>) e sogra (<i>você</i>)	0

Tabela 3: Tratamento destinado a sogros e sogras (1)

CASOS ESPECIAIS (2)	
Como trataria o sogro e trata a sogra	Nº de ocorrências
sogro (<i>dependeria</i>) e sogra (<i>você</i>)	1
Como trataria a sogra e tratava o sogro	Nº de ocorrências
sogro e sogra (<i>o senhor, a senhora</i>)	1

Tabela 4: Tratamento destinado a sogros e sogras (1) – Casos especiais

Diferentemente dos informantes do sexo masculino, todos os informantes do sexo feminino conheciam ou tinham conhecido seus sogros e sogras, não havendo a necessidade de uma segunda tabela para casos especiais. Dessa forma, a Tabela 5 refere-se a um total de quinze informantes, como verificamos a seguir:

MULHERES (15)	
Tratamento	Nº de ocorrências
sogro e sogra (<i>o senhor, a senhora</i>)	10
sogro e sogra (<i>você</i>)	3
sogro (<i>você</i>) e sogra (<i>a senhora</i>)	0
sogro (<i>o senhor</i>) e sogra (<i>você</i>)	0
sogro (<i>o senhor, você</i>) e sogra (<i>a senhora, você</i>)	1
sogro (<i>o senhor</i>) e sogra (<i>a senhora, você</i>)	1
sogro (<i>o senhor, você</i>) e sogra (<i>senhora</i>)	0
sogro (<i>você</i>) e sogra (<i>a senhora, você</i>)	0
sogro (<i>o senhor, você</i>) e sogra (<i>você</i>)	0

Tabela 5: Tratamento destinado a sogros e sogras (2)

Considerando a Tabela 3, verificamos que onze dos treze informantes do sexo masculino ali analisados utilizam o pronome *o senhor/a senhora* no trato tanto com o sogro quanto com a sogra e que apenas um deles, de fato, utiliza *você* com ambos.

Os onze informantes que utilizam o pronome *o senhor/a senhora* no tratamento com sogro e sogra citaram a idade, o respeito, a falta de intimidade, a criação recebida e o distanciamento como fatores determinantes de suas escolhas:

- I03:** Pela idade e eu não tenho esse nível de relacionamento que eu tenho com meus pais.
- I05:** Por uma relação de respeito, embora ele também não exija que eu chame ele de *senhor*, mas eu impus isso a mim.
- I07:** Mais por respeito.
- I16:** Não tenho intimidade e questão de respeito também.
- I23:** Pelo mesmo motivo. (referindo-se ao motivo dado em relação ao pai - tradição)
- I24:** Também por... por ser ser mais velho e também por criação de de tratar as pessoas mais mais velhas (incompreensível) assim, com esse tratamento.
- I25:** Também, respeito.
- I26:** Ah, por respeito, educação...
- I27:** Questão de de de de deferência, da idade... da/ por ser meu sogro... Então tem/ tudo isso coloca num num patamar diferenciado dentro da escala social.
- I29:** Distância.
- I30:** Pelo mesmo motivo do meu pai, né?

Assim como na seção referente aos pais, os trechos acima referem-se tanto ao tratamento com os sogros quanto ao tratamento com as sogras. Em todos os casos, ao serem questionados sobre o tratamento utilizado com a sogra, os onze informantes não apresentaram motivos diferentes, limitando-se todos à resposta “pelo mesmo motivo” ou a repetir o que foi dito sobre o sogro.

Vale destacar a resposta de I26 quando questionado sobre como tratava a sogra:

- I26:** Por *senhora*, mas ela não gosta que chamem ela de *senhora*, pede que chamem de *você*.
E: Hum-hum. Mas por que você a trata de *senhora*?
I26: [Aí...
 Ah, por educação, né?
E: Hum-hum. Hum... Aí... O que que você ia falar?
I26: Aí ela não gos/ ela pede pra mu/ porque ela fala que... “A *senhora* está no céu!”.

No caso acima, percebe-se que o falante insiste na utilização do tratamento *a senhora* devido a sua convicção de que este é o pronome adequado para se referir a sogras, o que parece não causar maiores conflitos. A resposta “A *senhora* está no céu”, referindo-se ao significado religioso de *a senhora*, é mais uma forma de fazer com que o genro se sinta à vontade, dizendo-lhe que não há necessidade de formalidades, do que um protesto veemente contra sua atitude. Na verdade, a resposta da sogra representa uma autorização para que o genro utilize *você*, pois há aí uma relação de poder na qual a sogra “dá as cartas”. Numa situação em que o genro utilizasse *você* e a sogra esperasse o tratamento *a senhora*, expressando sua insatisfação pelo pronome usado, haveria um comprometimento da face negativa da sogra (cf. Goffman, 1967), visto que o genro não atendeu a sua expectativa ou desejo de ser tratada com deferência.

Há entre os homens mais um caso que indica a utilização de *o senhor/a senhora* com o sogro e a sogra, mas foi tratado como um caso especial (Tabela 4), pois *a senhora* corresponde à forma como o informante acredita que teria tratado sua sogra caso a tivesse conhecido. Quando indagado sobre o porquê do tratamento *o senhor* com o sogro, dando em seguida as mesmas razões para o tratamento *a senhora* com a sogra, respondeu:

- I28:** Boa pergunta! Digamos assim, eu acho que não... não chegou a se criar um vínculo assim mais próximo – embora ele fosse uma ÓTIMA pessoa – eu acho até em função dele ser até mais velho que os meus pais, tá, ou seja, eu acho que ele acabou entrando na... prevaleceu a minha edu/ a educação que eu tive em casa. Então... eu... E tam/ eu acho que eu não me sentiria confortável também chamando ele de *você*.

No caso das mulheres, há também um número de ocorrências referentes à utilização do pronome *o senhor/a senhora* no trato tanto com o sogro quanto com a sogra bem maior que o referente à utilização do pronome *você* (cf. Tabela 5).

Verificamos que dez das quinze informantes do sexo feminino utilizam o pronome *o senhor/a senhora* no trato tanto com o sogro quanto com a sogra citaram a idade, o respeito, a formalidade da relação, o distanciamento, o conservadorismo dos sogros e a falta de intimidade como os motivos para suas escolhas:

- I01:** Pela idade e respeito.
I08: Pela idade e pelo respeito também. ((rindo))
I09: Por respeito.
I10: Também é de *senhor* devido à idade, entendeu? Pela educação que ele tem, é muito conservador... Então é *senhor*.
I11: Ah, sogro e sogra é *senhor* e *senhora* porque é mais formal, uma relação um pouco mais distante.
I13: Por questão de... respeito.
I14: Por causa da idade dele.
I15: Mesmo motivo... que meus pais.
I18: Não é assim uma pessoa MUIto próxima e em relação à idade... acaba sendo *senhor* mesmo.
I20: Sempre *senhor*. Pra mostrar um certo respeito, né? E eu também não tenho muita intimidade com ele. Minha frequência na casa dele é pouca, então... é mais por questão de respeito mesmo e por ele ser uma pessoa mais velha.

Vale destacar que uma entre as dez informantes citadas acima, quando questionada sobre o tratamento utilizado com a sogra, demonstrou dúvida ao responder:

- I18:** Na verdade ela não gosta de ser chamada pelo nome dela, então eu chamo pelo apelido que todo mundo chama porque foi assim que eu fui apresentada. Então nem *você* e nem *senhora*, é o apelido dela.

- E:** Mas eu acho que tem casos.../ Vê se não tem casos em que você tem que usar *você*? Por exemplo.../ Qual o apelido dela?
- I18:** Leinha.
- E:** Hum... “Leinha, quero falar com você” ou “Leinha, quero falar com a senhora”?
- I18:** Aí eu acho que até sai um *senhora*. ((dúvida))
- E:** Por quê?
- I18:** Acho que talvez pela também questão da idade, uma questão de respeito, entendeu?

Nosso estudo não abrange as formas de tratamento *Dona*, *Seu* e *Doutor*, muito comuns nas interações do dia a dia dos brasileiros, nem formas de tratamento particulares, tais como apelidos, nomes carinhosos, etc. Contudo, é imprescindível que ressaltemos aqui quão árdua é a decisão de combinar tais formas aos pronomes *o senhor/a senhora* e *você* para os falantes nativos do português brasileiro. A dúvida de I18 reside exatamente no fato de utilizar o apelido da sogra como vocativo, ou seja, utilizar uma forma de tratamento que normalmente denota proximidade e informalidade, combinando-o a um pronome de tratamento que muitas vezes denota distância e formalidade.

A resposta de I18 fornece elementos suficientemente claros não só para que compreendamos sua dúvida como também para sustentar a credibilidade de sua resposta. Como já dito, a combinação de um apelido, normalmente favorecida por um ambiente de proximidade e informalidade, e de um pronome ligado a um distanciamento de relações e formalidade causa certa estranheza, embora seja totalmente possível no português brasileiro. Especificamente neste caso, o apelido é a forma utilizada pelas pessoas que têm algum tipo de relação com a sogra da informante, é a forma como ela prefere ser chamada, além de ter sido a forma como a sogra lhe foi apresentada, ou seja, a observação de todos estes fatores determinou o uso. Entretanto, o uso do pronome *a senhora* no tratamento com sua sogra deve-se ao fato de terem prevalecido para a informante a questão da idade e a de atribuir ao pronome *a senhora* o valor de respeito.

Em relação ao pronome *você*, encontramos apenas uma ocorrência entre os informantes do sexo masculino e três entre os informantes do sexo feminino (cf. Tabelas 3 e 5).

Quanto a este único homem que utiliza o pronome *você* com seu sogro e sua sogra, o relacionamento existente entre ele e a família foi citado como determinante para a escolha do pronome no tratamento de ambos:

- I17:** Porque a relação que eu tenho com a família desde o início do namoro sempre foi assim. Nunca houve a necessidade de utilizar *senhor* pra lidar com ele.

A resposta dada por I17 corrobora o que dissemos na seção 4.2.1 quanto à prevalência de um fator sobre outro: fica claro que a idade dos sogros, vinte anos mais velhos que o informante, torna-se irrelevante se comparada à proximidade da relação.

Quanto às três mulheres que utilizam o pronome *você* com seus sogros e sogras, a preferência destes por *você* e a proximidade existente foram citadas como fatores determinantes da escolha de tal pronome no tratamento de ambos, sendo a primeira justificativa dada por duas informantes e a segunda, por uma. Quando indagadas sobre o porquê do tratamento *você* com sogro e sogra, respectivamente, responderam:

- I06:** Porque... quando eu fui apresentada, eu tentei chamar de *senhor* e ele me repri/ me freou.
- I06:** Porque ela odeia ser chamada de *senhora* mais do que ele até.
- I12:** Hum... Não sei... ((rindo)) Normalmente eh eh... Ah, ele prefere que eu chame ele de *você*.
- I12:** Porque... acho que ela se ofenderia se eu chamasse ela de *senhora*.
Ia achar que eu tô chamando ela de velha.
- I21:** Pela proximidade que eu tenho com ele e também nunca senti necessidade de chamar de *senhor*.
- I21:** Mesmo motivo do sogro.

Quanto ao uso diferenciado dos pronomes, sendo uma forma escolhida para o sogro e a outra para a sogra, as Tabelas 3 e 5 revelam não haver nenhuma ocorrência, mas há a possibilidade de existir uma entre os homens (cf. Tabela 4), já que I22 afirma utilizar *você* no trato com a sogra, devido à liberdade existente para utilizar este pronome, mas que o pronome utilizado no trato com o sogro dependeria do próprio sogro:

- E:** E se você tivesse sogro? Como você acha que o trataria?
- I22:** Também da mesma forma. A não ser que ELE impusesse MUITO/ uma distância FORMAL entre a gente, aí sim eu chamaria de *senhor*. Seria mais uma imposição dele e não uma vontade minha.

Quanto à utilização de ambos os pronomes com a mesma pessoa, podemos observar que há uma ocorrência entre os homens (somente em relação ao sogro) e duas entre as mulheres (uma em relação a ambos e uma somente em relação à sogra).

O informante do sexo masculino que utiliza ambos os pronomes com o sogro (I02) justificou a utilização de *o senhor* afirmando ser este pronome indicativo de tratamento respeitoso, adequado a pessoas mais velhas, ressaltando, porém, que *você* é sua escolha em situações de relativa intimidade:

- I02:** Eh... com ele... hum... tem *senhor*... hum... por uma questão de respeito, tá, que ele é mais velho... hum... mas às vezes depende, né, porque às vezes eu chamo ele de *você*.
E: Quando?
I02: Numa questão mais... mais íntima... hum... mais corriqueira, mas quando a gente tá realmente conversando é *o senhor*, tá, por uma questão de respeito por ser uma pessoa mais velha.

Para um falante nativo, este caso não representa uma questão de difícil explicação, pois numa situação onde se estabelece uma relação de intimidade, é natural que o tratamento *o senhor* originalmente utilizado para se dirigir ao sogro e denotar respeito pela sua idade, seja substituído pelo tratamento *você*. Por outro lado, para um aprendiz de PL2-E, a flutuação no emprego dos pronomes de tratamento, principalmente se sua língua não lhe der mais de uma possibilidade para se dirigir a uma pessoa ou a determinado tipo de pessoa, como é o caso do *you* na língua inglesa, pode parecer incoerente. Daí a necessidade de uma descrição mais detalhada do uso dos pronomes de tratamento no português do Brasil.

Em relação à interação com a sogra, esta parece ser sempre mais distante, prevalecendo a idade da sogra, como mostra a justificativa dada por I02 para a utilização do pronome *a senhora*:

- I02:** Hum... Não tenho nenhuma intimidade com ela, tá, e:: é uma questão de respeito pra mim, pessoas mais velhas.

Quanto a I19, que utiliza os dois pronomes de tratamento tanto com seu sogro quanto com sua sogra, esta apresentou a mesma justificativa para ambos, focando a dicotomia formalidade/informalidade:

- I19:** Quando a gente tá conversando uma coisa mais informal ou... uma conversa mais tranqüila, eu trato como *você*, mas quando eu vou dizer uma coisa assim mais séria ou algum chamamento ou alguma coisa assim, eu trato por *senhor*.

Por fim, I14, a informante que utiliza os dois pronomes de tratamento somente com a sogra caracteriza um caso bem típico de flutuação, resultante do fato de que a informante não consegue estabelecer uma prevalência entre dois fatores: o respeito que tem pela sogra e a proximidade existente entre elas. Consequentemente, há também uma “mistura” das formas de tratamento:

- I04:** Tem vezes que eu me pego falando *senhora*, tem vezes que eu me pego falando *você*.

- I04:** Acho que é pela intimi/ pela proximidade. Aí mistura proximidade com respeito.

As respostas desta seção revelam uma dualidade de sentimentos em relação a sogros e sogras. Tornou-se claro que, para alguns, sogro e sogra são pessoas quase estranhas, devendo, portanto, receber o tratamento *o senhor/a senhora* com sentido de distanciamento. Para outros, como são considerados membros da família e representam o mesmo papel (para seus cônjuges) que seus pais, sogro e sogra devem receber o mesmo tratamento destinado aos primeiros, seja este *o senhor/a senhora* ou *você*.

De fato, dez dos trinta informantes afirmaram utilizar o mesmo tratamento com pai, mãe, sogro e sogra, sendo os motivos explicitados os mesmos para as quatro categorias. Portanto, o amor filial e familiar pode se estender por sogros e sogras, assim como, segundo DaMatta (1986), estende-se pelos compadres e pelos amigos, para quem as portas de nossas casas estarão sempre abertas.

Acreditamos que a dualidade de sentimentos a que nos referimos anteriormente deve-se ao fato de a relação com sogro e sogra ser, na verdade, uma relação de parentesco obrigatória, pois pessoas sem laços de sangue passam a pertencer a uma mesma família. Como o núcleo da casa é a família, composta por pessoas que possuem a mesma substância – a mesma carne, o mesmo sangue e, consequentemente, as mesmas tendências (DaMatta, 1986), pode tornar-se difícil, até mesmo inviável, a inclusão de membros de uma outra família que possua hábitos e valores bastante diferentes, preferindo-se manter o distanciamento.

Sendo assim, podemos concluir que, em relação ao sogros, a escolha do pronome de tratamento é resultado de uma série de fatores que incluem o grau de proximidade ou distanciamento existente entre genro/nora e sogros, a formalidade ou informalidade da situação, a preferência dos sogros quanto a determinado tratamento e a questão da deferência, não só devido à idade dos sogros como também devido ao fato de serem sogros. A prevalência de um ou outro fator, assim como vimos nos casos referentes aos pais, ou até mesmo uma “mistura” de fatores, é determinada individualmente, não sendo possível, estabelecer, obviamente, regras que possam explicitar um único comportamento adequado a uma interação que envolve determinada categoria de pessoas. Por isso mesmo, reiteramos a importância de uma descrição mais detalhada do assunto, pois quanto mais informações tiver o professor de PL2-E, melhores serão as explicações que poderão fornecer quando por ventura questionados sobre um tipo de relação entre interactantes específicos.

4.3

Grupo 2: relações de subordinação e poder

Este grupo inclui os itens 5, 6, 7 e 12 da entrevista, referindo-se, respectivamente, ao chefe, à empregada, ao(s) porteiro(s) e àqueles que representam uma autoridade. Quanto aos itens 5 e 12, podemos dizer que os informantes assumem o papel de quem está numa posição hierárquica inferior. Já em relação aos itens 6 e 7, os papéis se invertem e os informantes assumem o papel de quem está numa posição hierárquica superior. Todavia, há a possibilidade, nestes quatro casos, de observarmos a minimização da distância social e do poder que caracterizam estas relações ou a afirmação destes através do emprego dos pronomes de tratamento.

4.3.1 Chefe

Na sociedade brasileira, as relações existentes entre patrões e empregados não são muito claras, pois misturamos, segundo DaMatta (1986), uma relação puramente econômica com laços pessoais de simpatia e amizade, herança de uma sociedade marcada pelo trabalho escravo. Devido ao fortalecimento destes laços, vemos hoje uma tendência ao abrandamento da relação assimétrica entre chefe e subordinado: cria-se um ambiente de informalidade e de proximidade entre eles, o que pode ser confirmado ao verificarmos as justificativas da maioria de nossos entrevistados para a utilização do pronome *você* no tratamento com o chefe, como vemos nos três trechos abaixo:

- I07:** Porque no escritório nós... tratamos informalmente as pessoas.
I09: Pela proximidade...
I24: Aqui como não é um chefe eh:: hierár/ é chefe mas não é hierarquicamente, é *você*.

De fato, em relação ao tratamento dedicado ao chefe, os resultados obtidos nos mostram que há mais ocorrências de uso do pronome *você*, tanto entre os homens quanto entre as mulheres, como mostram as Tabelas 6 e 7:

HOMENS (15)	
Tratamento	Nº de ocorrências
<i>o senhor/a senhora</i>	3
<i>você</i>	10
<i>o senhor/a senhora, você</i>	2

Tabela 6: Tratamento destinado ao chefe (1)

MULHERES (15)	
Tratamento	Nº de ocorrências
<i>o senhor/a senhora</i>	3
<i>você</i>	11
<i>o senhor/a senhora, você</i>	1

Tabela 7: Tratamento destinado ao chefe (2)

Dos quinze informantes do sexo masculino, apenas três afirmaram utilizar o pronome *o senhor/a senhora* no trato com o chefe, o que se explica pelo fato de haver uma hierarquia altamente marcada no ambiente de trabalho:

- I02:** Porque:: enfim, no meio militar, né, é esse o tratamento... hum... pra pessoas mais velhas ou superiores, né?
- I05:** Uma questão regulamentar, né? Por eu ser militar... militar sempre chama o mais antigo de *senhor*, tratamento regulamentar.
- I16:** Por ser mais velho e ser... autoridade.

A idade, a deferência por se tratar do chefe e a formalidade da relação foram as justificativas dadas pelas três informantes que utilizam ou utilizavam o pronome *o senhor/a senhora* no trato com o chefe:

- I14:** Porque ele é uma pessoa mais velha do que eu e é meu chefe.
- I19:** Pela formalidade mesmo da relação, né? Ele era meu chefe.
- I21:** Respeito.

Os dez informantes do sexo masculino que afirmaram utilizar *você* no tratamento com o chefe citaram a idade do chefe, a não exigência de formalidade, a ausência de uma hierarquia marcada, a proximidade, a reciprocidade do tratamento e o fato de terem a mesma formação ou desempenharem a mesma função como justificativas:

- I03:** A forma do relacionamento... É jovem também e tem relacionamento... que não exige essa formalidade.
- I22:** Da mesma forma ele dá liberdade pra se tratar como *você*.
- I23:** Ah, porque eu acho que tem o mesmo relacionamento, a mesma idade... assim parecida, o mesmo... aí eu chamo de *você*. Não consigo chamar de *de senhora*, né?
- I25:** Ah, uma liberdade maior, né? Um tratamento mais... mais do dia a dia...
- I27:** Eu acho que... que... Eu acho... eh:: talvez a questão da idade/ Aí aí há uma inversão da situação, né? Ele é bem mais jovem do que eu – vou até usar um termo clássico: “podia ser meu filho” ((rindo)) – e:: e:: e:: e nunca houve nenhuma exigência nesse sentido, entendeu? Então é uma relação eh:: assim... muito próxima e etc. Agora, claro que o fato de ele ser meu chefe, se HOUVESSE uma exigência nesse sentido, eu trataria ele como *senhor* etc, mas como não há, tá, claro que em razão da posição dentro da hierar/ dentro da/ dentro da hierarquia da em/ da empresa, da instituição no caso, claro que eu trataria como *senhor*. Mas no caso aí há uma

informalidade em razão das relações, da idade, etc. Ele também não me trata como/ por *senhor* apesar de eu ser bem mais velho do que ele, provavelmente sou mais velho que o pai dele. Ele me trata por *você* também. Há uma igualdade de tratamento.

- I28:** Ah, porque aí eu também acho que é um pouquinho demais chamar ele de *senhor*. ((rindo)) Até porque... não... Não sei! Acho que hoje em dia as relações de trabalho também se modificaram. Primeiro que eu já sou vinte anos mais velho do que ele mais ou menos, né? Então eu acho que aí não caberia chamar ele de *senhor* não.
- I29:** Porque... enfim, ele tem a mesma formação que eu e é mais novo do que eu.
- I30:** Eu falo/ Eu chamo de *você*. Até porque, vamos dizer assim, o meu chefe, ele tem a mesma função que eu, tá, só que ele tem um adicional, tem um cargo, uma coisinha a mais, né? Então ele exerce a mesma profissão que eu, com o mesmo cargo de gerência, sendo que ele tem uma responsabilidade MAIOR porque ele... fora a atividade normal que é comum a nós dois, ele tem uma outra... um outro... uma outra... função.

É importante frisar que, na verdade, a justificativa de I29 acima refere-se ao pronome *você* como tratamento destinado a seu chefe, apesar do informante não conhecê-lo e nunca ter lhe dirigido a palavra. No entanto, o informante afirmou categoricamente que utilizaria *você* no tratamento com seu chefe.

A estas justificativas incluem-se as mencionadas por I07 e I24 no início desta seção.

Os onze informantes do sexo feminino que utilizam o tratamento *você* com o chefe citaram como fatores determinantes de suas escolhas a proximidade, a semelhança de idade, a informalidade, a ausência de uma hierarquia marcada e o fato de já terem ocupado o mesmo cargo:

- I04:** Porque também não percebo que haja uma necessidade de chamá-los de *senhor* ou de *senhora*.
- I06:** Porque... me acostumei assim... A gente... fala muito próximo...
- I08:** Eh:: Porque nós somos muito próximos e a idade é muito parecida.
- I09:** Pela proximidade...
- I10:** Bom, com meu chefe é *você* porque ele é uma pessoa bem mais nova do que eu e pelo/ pela intimidade que nós temos, entendeu? Pela amizade que nós temos nós nos tratamos de *você*.
- I11:** Chefe, como ele é jovem, né, mais ou menos tem a minha idade e a relação é mais informal, é *você* também.
- I12:** Ah, acho que porque a gente... trabalha meio que em pé de igualdade... somos todos professores e... acho que não, não tenho muito uma hierarquia tão marcada.

- I13:** Pela idade dele.
- I15:** Ele é uma pessoa relativamente na mesma idade/ faixa etária minha, né? Então ele tem... Eu tenho cinquenta e três anos, ele tem... cinquenta e um anos, e:: nos tratamos COM RESPEITO, mas de *você*.
- I18:** É uma idade PRÓxima da minha e... ele realmente ele não tem o perfil daquela pessoa mais velha, que impõe assim aquele respeito, aquela necessidade de ter um tratamento mais formal.
- I20:** Sabe que eu... eu assim... eu não sei... É porque eu acho que a minha relação com ela/ na verdade, antes de ela ser minha diretora, minha chefe, ela era uma colega de trabalho, ela era professora. Então eu a conheci como professora e desde então eu sempre a tratei de *você* *você* e... quando ela veio a ser minha chefe, eu não mudei o tratamento.

Quanto ao uso dos dois pronomes com o mesmo chefe, houve duas ocorrências entre os homens e uma entre as mulheres.

No caso dos homens, entendemos que I26 normalmente utiliza o pronome *a senhora* no trato com sua chefe, substituindo-o por *você* apenas quando ela pede para que ele o faça:

- I26:** Assim, depende dela mesmo porque eu já chamei de *você*, quer dizer, de *senhora* e fala que não é, é *você*. Aí depende muito.

Infelizmente, não obtivemos de I26 maiores esclarecimentos, o que nos permite apenas supor ser a diferença de idade entre ele e sua chefe (ele tem 21 e ela, 55) o provável motivo de sua opção por *a senhora*, já que o fato de a própria chefe pedir que o funcionário utilize *você* exclui os fatores hierarquia e formalidade. Segundo Porto (2006), o pedido de um chefe aos funcionários para ser tratado como *você* ao invés de *o senhor* funciona como uma forma de estabelecer as relações no ambiente de trabalho, relações de amizade neste caso, o que se depreende de sua reivindicação por uma suposta igualdade.

Por sua vez, o outro informante do sexo masculino (I17) explicou detalhadamente quais são as situações em que utiliza cada pronome, o que nos permite dizer ser o grau de formalidade da situação o fator determinante:

- I17:** Depende da... da... da ocasião em que estamos trabalhando. Se estivermos trabalhando a dois na mesma sala onde é o meu trabalho, eu posso utilizar *você*. Agora, se estivermos em uma reunião onde existe um chefe superior a ele e que seja... – como se fosse um comando geral superior a ele – tivéssemos em reunião, eu utilizaria *senhor*.

É interessante observarmos que a diferença de trinta anos de idade entre I17 e seu chefe é irrelevante, corroborando nosso pensamento de que o próprio indivíduo, ao analisar as diferentes situações em que se encontra, decide qual fator (idade, formalidade/informalidade, proximidade/distanciamento) priorizar.

Por último, temos a resposta de I01, que parece separar, pelo menos no tocante à escolha do tratamento, a relação de trabalho dos laços pessoais de amizade que tem com sua chefe:

- E:** Qual a forma de tratamento que você utiliza com seu ele?
I01: No trabalho, *senhora*... e:: informal, situação fora do trabalho, *você*.
E: Por que no trabalho *senhora*?
I01: Por respeito também, a gente trabalha muito com estagiário... e:: pra manter uma hierarquia.
E: Hum-hum. Fora do trabalho é *você* por qual motivo?
I01: Por uma amizade, a gente é mais próxima.

Podemos então concluir que a tendência ao estreitamento da relação patrão/empregado, evidenciada por meio dos depoimentos dos entrevistados sobre a proximidade existente com o chefe e/ou a informalidade do ambiente de trabalho, leva a maioria dos participantes a utilizar o pronome *você* no tratamento com o chefe.

“Assim, de forma geral usa-se o *o senhor/a senhora* para se falar com o patrão apenas quando existe uma considerável distância etária, sendo o patrão, o mais velho; na falta desta grande diferença etária, essas formas de tratamento são usadas apenas em empresas em que o ambiente profissional é muito formal, como em grandes empresas multinacionais, por exemplo. Um/a chefe não tão mais velho, um parceiro ou sócio, um colega de trabalho (mesmo que bem mais velho), um amigo (idem) sempre são chamados de *você*.” (Meyer, 2004: 83)

Na verdade, há casos em que nem mesmo uma considerável distância etária desfavorece o uso de *você*. Constatamos haver em nossas entrevistas três casos em que a distância etária entre o chefe e o informante é de aproximadamente trinta anos, sendo *você* o pronome utilizado (ou um dos pronomes) no tratamento com o chefe. Nestes casos, a proximidade e a informalidade das relações prevalecem em um espaço que deveria ser marcado pelo distanciamento e pela impessoalidade, ou seja, a *rua* é, de certa forma, invadida pela *casa* (cf. DaMatta, 1997).

Além da questão da diferença etária entre patrão e empregado, as entrevistas também nos forneceram a informação de que o sexo do chefe não foi, em nenhum

momento, mencionado como fator decisivo ou mesmo coadjuvante do fato de tanto os informantes do sexo masculino quanto os informantes do sexo feminino utilizarem um ou outro pronome de tratamento.

Por fim, é importante salientar que nem todos os informantes estavam empregados no momento da entrevista, sendo orientados a informar o pronome de tratamento utilizado com o último chefe.

4.3.2 **Empregada doméstica**

A relação entre patroas e empregadas domésticas no Brasil é objeto de vários estudos e reportagens jornalísticas devido às peculiaridades que a definem. A empregada doméstica, principalmente aquela que dorme ou mora na casa dos patrões, partilha diariamente da vida da casa, ajuda na criação dos filhos e até mesmo participa de importantes decisões. Apesar da diferença social, criam-se vínculos que muitas vezes elevam a empregada à categoria de membro da família. Obviamente, esta relação pode ser também caracterizada por conflitos e uma certa dificuldade de convívio, mas percebe-se que o fazer parte do cotidiano da casa aproxima não só patroas e empregadas, mas patrões e empregadas, revestindo-a de cumplicidade e afeto em diferentes níveis. Segundo DaMatta (2004: p. 20), o trabalho das empregadas domésticas é “marcado por uma alta intimidade, exercendo tarefas que confundem simpatias com elos produtivos e econômicos”, pois nosso sistema é igualmente marcado pela existência de complexos laços entre *casa* e *rua*.

É a partir das categorias *casa* e *rua* de DaMatta (op.cit.) que analisaremos a relação entre o tratamento destinado às empregadas e os fatores que o determinam.

Dos quinze informantes do sexo masculino, quatro não tinham empregada ou diarista, sendo orientados a indicar como achavam que tratariam uma pessoa que exercesse uma ou outra função em suas casas. Dessa forma, os números apresentados na Tabela 8 referem-se a um total de onze informantes, sendo os outros quatro informantes analisados separadamente na Tabela 9:

HOMENS (11)	
Tratamento	Nº de ocorrências
<i>a senhora</i>	1
<i>você</i>	9
<i>a senhora, você</i>	1

Tabela 8: Tratamento destinado à empregada doméstica (1)

CASOS ESPECIAIS (4)	
Como trataria	Nº de ocorrências
<i>a senhora</i>	0
<i>você</i>	1
<i>dependeria</i>	3

Tabela 9: Tratamento destinado à empregada doméstica – Casos especiais (1)

Da mesma forma, nem todas os informantes do sexo feminino tinham empregada ou diarista, duas para sermos exatos, sendo orientadas a indicar como achavam que trataria uma pessoa que exercesse uma ou outra função em suas casas. Assim, os números apresentados na Tabela 10 referem-se a um total de treze informantes, sendo as outras duas informantes analisadas separadamente na Tabela 11:

MULHERES (13)	
Tratamento	Nº de ocorrências
<i>a senhora</i>	3
<i>você</i>	10
<i>a senhora, você</i>	0

Tabela 10: Tratamento destinado à empregada doméstica (2)

CASOS ESPECIAIS (2)	
Como trataria	Nº de ocorrências
<i>a senhora</i>	0
<i>você</i>	1
<i>depenneria</i>	1

Tabela 11: Tratamento destinado à empregada doméstica – Casos especiais (2)

Analisando a Tabela 8, referente aos informantes do sexo masculino que têm empregada ou diarista, notamos que há apenas uma ocorrência para o pronome *a senhora*, o que se deve à idade da funcionária:

E: Qual a forma de tratamento que você utiliza com ela?

I05: *Senhora.*

E: *Senhora?* Pela idade?

I05: Positivo.

Quanto aos informantes do sexo feminino, encontramos três ocorrências para o emprego do pronome *a senhora*, dentre as quais duas (I09 e I10) explicitaram o desejo de não criar intimidade com suas funcionárias, evidenciando uma relação um tanto quanto conflituosa:

I09: Pelo respeito. Pra manter uma distância também...

I10: Bom, com a minha empregada eu utilizo o tratamento de *senhora* porque, de um modo geral, as empregadas andam um pouco... querendo assim... se meter na vida dos patrões. Então... é *senhora* para que haja uma certa distância... Entendeu?

I21: Pela idade.

É interessante notar que para I10 a idade de sua empregada é totalmente irrelevante, visto que a diferença etária entre as duas é de 29 anos, sendo a patroa a mais velha. Consequentemente, ao utilizar o pronome *a senhora* para se referir a ela, I10 realiza um ato de ameaça à face sem minimização (cf. Brown & Levinson, 1987), pois demonstra claramente a intenção de manter uma relação estritamente econômica entre as duas.

Por sua vez, I21 justificou o emprego de *a senhora* no trato com sua empregada mencionando o fator idade – há uma diferença etária de 30 anos, sendo a patroa a mais nova.

Quanto à utilização do pronome *você*, os informantes do sexo masculino citaram a questão da subordinação, a idade da funcionária, a existência de parentesco, a informalidade da relação, a intimidade, a reprodução do tratamento utilizado pelos pais e o tempo de convivência como decisivos para suas escolhas, como mostram os exemplos selecionados:

- I02:** Hum... Eh, talvez seja porque se/ seja minha subordinada, né, e a gente já tem essa essa... esse tratamento para com os subordinados, ou pelo nome ou por *você*.
- I03:** Pela idade dela.
- I07:** Por criação também... A gente sempre chamou as pessoas que trabalhavam lá em casa de *você*.
- I17:** Porque é uma pessoa ligada à família.
- I24:** Porque ela é mais nova do que eu.
- I27:** Eu eu eu não.../ Primeiro porque há uma há uma... não há uma/ a a questão da/ Eu entendo que essa questão de *senhor/senhora*, um dos primeiros eh::/ uma das primeiras referências que a gente usa pra pra chamar uma pessoa de *senhor/senhora* é a questão da idade, se é mais velho que você ou não. No caso ela não é, é bem mais nova do que eu e:: não por... não por a a a questão dela ser minha empregada, nada disso. Se ela fosse uma *senhora* de oitenta anos trabalhando pra mim, eu a trataria por *senhora*. Eu acho que é essa a questão fundamental, questão da da idade neste caso.
- I28:** Eu eu acho porque... não é nem uma questão de desrespeito, não. Até porque a gente é bem respeitoso, mas eu acho que a a convivência permitiu essa... essa relação, afinal, ela tá três vezes por semana na minha casa, ela é praticamente um MEMBRO da família, assim... E de qualquer forma ela também não é assim tão mais velha do que eu. Acho que aí entra aquele padrão de.../ Eu acho que é por isso, talvez por... por uma questão de convivência assim de proximidade.
- I29:** Porque ela já tá com a gente há muito tempo, então a gente tem essa... essa... não vamos dizer intimidade, mas a gente tem essa antiguidade.
- I30:** Bom, primeiro porque ela já tá com a gente já há uns quatro anos, né? Segundo que eu acredito que ela seja um pouco mais nova do que eu, né? Então... ela deve ter aí uns trinta e cinco anos, por aí, e pra mim é difícil, né, chamar uma pessoa de *senhora* com trinta e cinco anos, né?

Os fatores mencionados acima variam entre dois extremos: se por um lado a relação patrão/empregada doméstica se caracteriza por um grande distanciamento, enfatizando-se a questão da subordinação (é o caso de I02), por outro temos

exatamente o inverso, ou seja, uma relação de grande proximidade, enfatizando-se o afeto (é o caso de I28). Aliás, pela comparação entre I02 e I28, podemos constatar que o pronome *você*, ao contrário do que geralmente encontramos em materiais didáticos de PL2-E, não é apenas utilizado como um tratamento informal e próximo, mas também para indicar distanciamento. O que se omite quase sempre, apesar de ser de extrema importância, é o fato de que *você* é o tratamento normalmente utilizado de superior para inferior, como mencionam Cunha & Cintra (2007). Por sua vez, I28, ao comparar sua empregada a “praticamente um membro da família”, evidencia ser a instituição “casa” no Brasil não uma simples residência, mas um espaço que comporta agregados, incluindo-se aí seus “serviçais” (considerados parte do seu espaço e família), um espaço “dotado de emoção, sentimento, história e personalidade”. (DaMatta, 2004: p. 14)

Assim como ocorrido entre os informantes do sexo masculino, os fatores mencionados pelos dez informantes do sexo feminino que utilizam *você* no trato com suas empregadas variam entre os extremos do distanciamento, enfatizando-se a hierarquia (é o caso de I11), e da intimidade, enfatizando-se a existência de laços sentimentais (é o caso de I12). Além destes, foram citados a idade da funcionária e o costume de tratar informalmente os empregados da casa:

- I01:** Esse aí eu não sei o porquê ((risos)). Foi desde o começo *você*, mas também é/ tem uma relação de respeito. Eu acho que é mais nova...
- I04:** Um grau de de proximidade... Ela também não é uma pessoa... velha, ela é jovem...
- I06:** Porque... é uma relação próxima, né? Ela limpa minha casa, eu tô junto com ela onde que ela tá, dando direções... Então...
- I08:** Eh:: Pela idade dela e pela intimidade próxima que a gente tem.
- I11:** Bom, ela é jovem e até por questão de hierarquia mesmo, de relacionamento, né, chefe e empregado.
- I12:** Porque eu acho que eu... tenho uma tendência a... a tratá-la como eu trato aos meus pais, por uma questão de de... intimidade. Aqui em casa não tem formalidade com os empregados, não usam uniformes, nem nada disso...
- I13:** Porque ela é mais jovem que eu.
- I14:** Porque ela é uma amiga e uma pessoa jovem.
- I15:** Ela é uma pessoa mais jovem e:: é:: uma forma de tratamento... me sinto melhor assim.
- I19:** Eu acho que a gente tem alguma intimidade assim, nos vemos todo dia... Nossa relação é bem... fluida.

Duas respostas que nos chamaram atenção, embora tenhamos citado inúmeras vezes o caráter subjetivo da escolha entre *o senhor/a senhora* e *você* em diferentes situações, foram as respostas dadas por I21 e I12. Este caráter subjetivo deve-se ao fato de o próprio falante escolher dentre um leque de opções (idade, grau de proximidade, formalidade, etc.) qual destas deve preponderar. Assim, achamos interessante mostrar que, apesar da diferença etária entre as informantes e suas empregadas ser praticamente a mesma (30 anos no caso de I21 e 35 no caso de I12), a idade é o fator determinante para que I21 utilize *a senhora* no tratamento com sua empregada e a intimidade é o fator determinante para que I12 utilize *você* com a sua.

Em relação ao único caso de emprego de ambos os pronomes nas relações com a empregada, I16 citou que a escolha do pronome depende da seriedade da conversa entre ele e sua empregada:

- E:** Como você a trata: *senhora*, *você*, depende...?
I16: Depende.
E: Do quê?
I16: Quando... eu tenho que falar algo mais sério também...
E: Hum-hum. Aí você a chama como...? quando é algo mais sério?
I16: Ah, *senhora*!

Quanto aos participantes do sexo masculino que não tinham empregada no momento da entrevista, dois afirmaram que o tratamento escolhido dependeria da idade da empregada e um afirmou que o tratamento dependeria do ponto de vista dela:

- I23:** Eh:: Ia depender da da idade, né, do... de *você*... Dependendo da idade, você chama de *senhora* ou não.
I25: Acho que ia depender da idade, né? Eu acho que sim.
I22: Se... eh:: Bom, se ela fosse uma pessoa descolada, de mente aberta, que entendesse um tratamento mais/ menos formal, eu a trataria como *você*. Se ela fosse uma pessoa eh:: que... que... enxerga muitas distâncias entre patrão e empregado, eu a trataria como *senhora*. Aí, também/ Aí, nesse caso, depende da situação.

Merece destaque I26 ao afirmar que utilizaria *você* com sua empregada por já pressupor uma intimidade e por reconhecer o pronome *você* como o tratamento naturalmente utilizado com pessoas íntimas:

- I26:** O mais nor/ Ah, nor/ não tem essa de... Íntimo! ((risos)) Eu trato normal!
E: Hum-hum. Normal seria no caso seria o que então?
I26: Hum... *Você!*
E: *Você?* Aí você acha que a empregada seria uma pessoa íntima, uma pessoa da casa?
I26: É.

O que mostra o diálogo acima é exatamente o que falamos no capítulo 2 de nosso estudo sobre a transferência das relações pessoais e seus laços de afetividade para um outro tipo de relação, uma extensão dos espaços *casa* e *rua* (cf. DaMatta, 1997) observada no tratamento familiar, próximo, dispensado a uma pessoa estranha.

Quanto às duas participantes que não tinham empregada no momento da entrevista, uma acredita que levaria em conta a idade da empregada e o grau de intimidade entre as duas, mas frisou que só poderia dar uma resposta concreta se estivesse vivenciando a situação:

- I18:** Eu acho que dependeria... não sei... do grau de intimidade que tivesse com ela. Eu acho que da idade também, do tipo de relacionamento... porque... Não sei. De repente um *você* poderia colocar uma intimidade muito grande que talvez não me agradasse muito. Então, eu acho que teria que tá vivendo mesmo essa situação pra poder te falar com certeza.

A outra informante demonstrou dúvida, mas disse acreditar que utilizaria o pronome *você*, embora também não tenha conseguido explicar claramente o porquê:

- I20:** Eu não sei. Assim, pelos critérios meus de utilização, assim, de... não sei... de respeito ou por ser uma pessoa mais idosa, eu acho que a minha empregada eu usaria *você*. Não sei.

Com base nos dados até o momento apresentados e analisados, podemos afirmar que, em relação às empregadas domésticas e diaristas, a escolha do pronome de tratamento depende, basicamente, do grau de proximidade/intimidade existente entre estas e seus patrões/patroas ou da idade da funcionária. Entretanto, no geral, percebemos uma preferência dos informantes de ambos os sexos pelo pronome *você* no tratamento com suas empregadas ou diaristas, estando um grande número de ocorrências vinculado ao fator intimidade, o que ilustra a

confusão entre atividade econômica e afetos mencionada no primeiro parágrafo desta seção.

4.3.3 Porteiros

Visto que a relação condômino/porteiro é uma relação trabalhista em que o porteiro é o subordinado, um estrangeiro poderia supor, salvo em situações de considerável distância etária, sendo o porteiro o mais velho, ser constante o emprego do pronome de tratamento *você*. Entretanto, há casos em que deseja-se manter um relacionamento distante do funcionário, empregando-se então o pronome *o senhor*. Segundo Meyer (2004), esta é uma forma de enfatizar a distância social existente entre eles.

Entretanto, ao analisarmos as entrevistas realizadas para este estudo, constatamos haver uma minimização de poder e distância e até mesmo um caso em que a relação condômino/porteiro é também permeada por um certo afeto.

Dentre os quinze informantes do sexo masculino, apenas dois não moravam em condomínio com porteiro, mas puderam ser incluídos nessa análise, um por ter feito referência aos porteiros do prédio em que havia morado até pouco tempo antes da entrevista, outro por ter feito referência aos porteiros do prédio onde há anos trabalha. Assim, considerando estes dois informantes, um afirmou utilizar *o senhor*, referindo-se a um único porteiro, doze afirmaram utilizar *você* com todos os porteiros ou com o único porteiro do condomínio e dois afirmaram utilizar *o senhor* com alguns e *você* com outros:

HOMENS (15)	
Tratamento	Nº de ocorrências
<i>o senhor</i>	1
<i>você</i>	12
<i>o senhor, você (destinados a porteiros diferentes)</i>	2

Tabela 12: Tratamento destinado a porteiros (1)

Dentre os quinze informantes do sexo feminino, apenas um não morava em condomínio com porteiro, mas pôde ser incluído nessa análise por ter feito referência aos porteiros de um prédio onde havia morado. Assim, considerando este informante, encontramos números bastante diferentes entre as mulheres: quatro afirmaram utilizar *o senhor* com todos os porteiros, cinco afirmaram utilizar *você* com todos os porteiros e duas afirmaram utilizar *o senhor* com alguns e *você* com outros, como podemos observar na Tabela 13:

MULHERES (15)	
Tratamento	Nº de ocorrências
<i>o senhor</i>	4
<i>você</i>	5
<i>o senhor, você (destinados a porteiros diferentes)</i>	6

Tabela 13: Tratamento destinado a porteiros (2)

Em relação aos homens, I16, único a utilizar *o senhor* no tratamento destinado aos porteiros, citou a idade avançada do único porteiro ao qual se referiu na entrevista, quase 70 anos, como motivo para sua escolha:

I16: Pela idade.

Quanto aos informantes do sexo feminino que utilizam *o senhor* no tratamento com todos os porteiros, diferentemente do que expôs I16, a idade dos funcionários não foi mencionada nenhuma vez como fator determinante de suas escolhas, mesmo nos casos de considerável distância etária entre as informantes e seus porteiros, sendo os porteiros os mais velhos. O desejo de manter o distanciamento é que prevaleceu para três destas quatro informantes:

I09: Pelo respeito.

E: Pra manter o respeito, a distância?

I09: [Pra manter o respeito. Isso.

I11: *Senhor, senhora...* Pra manter um distanciamento.

I20: Eh:: Por ser um tratamento mais formal e pra mostrar uma certa distância também...

Como vimos no capítulo 2 deste estudo, nas culturas caracterizadas pela *high-context-communication* (cf. Hall, 1998), como é o caso da cultura brasileira, maior importância é dada ao que queremos dizer, sendo as informações mais implícitas. Isto é exatamente o que podemos perceber ao analisarmos as respostas dadas pelas três informantes anteriormente citadas: quando um condômino dirige-se ao porteiro, principalmente quando este é jovem, utilizando o pronome *o senhor*, fica subentendido que há um distanciamento entre eles e que o mesmo tratamento deve ser utilizado com o condômino.

I18, a outra informante que utiliza *o senhor*, não mencionou explicitamente o desejo de manter o distanciamento, apenas o fato de não haver proximidade, justificando o uso de *o senhor* como uma questão de educação (cf. exemplo abaixo). Entretanto, acreditamos que ao empregar *o senhor* a informante enfatiza a distância social existente, principalmente se observarmos que a diferença etária não é tão grande.

- I18:** Geralmente é só *senhor* porque eu passo, então é “Oi, tudo bem com o *senhor*?”, “Bom dia!” e... vou embora. Não tenho intimidade... Não tenho proximidade...
- E:** Então esse é o motivo pelo qual você chama de *senhor*?
- I18:** Sim, porque na verdade não tem relação. Aí acaba mesmo sendo uma questão de educação.

Quanto ao emprego de *você* no tratamento com o(s) porteiro(s), a idade foi também o único fator mencionado por quatro dos doze informantes do sexo masculino que utilizam apenas este pronome, mais precisamente o fato de os informantes considerarem os porteiros pessoas jovens ou de terem a mesma faixa etária que eles:

- I05:** Porque são mais jovens do que eu. Não! Mais jovens do que eu, não! São... de uma idade que regula com a minha. Daí... eu chamo de *você*.
- I23:** Não, porque eh:: Sei lá! Não dá assi/ Eu não... Eu acho assim pra mim eles tão... tão jovens que eu chamo de *você*.
- I25:** Sei lá! Normalmente pessoas assim mais mais jovens, né?
- I30:** *Você* por causa da idade. Todos têm entre 30 e 40 anos.

Encontramos também duas ocorrências para o pronome *você* indicando um maior distanciamento, já que a questão hierárquica foi destacada pelos informantes:

I02: Eh:: Cinco! Cinco porteiros... sendo que uma do sexo feminino... hum... e quatro do sexo masculino... hum... e todos eles, também por uma questão de subordinação, eh:: eu chamo de *você*.

I24: Por eu ser bem mais velho do que ele e:: também por ele... ser o porteiro.

Por outro lado, três informantes enfatizaram a proximidade e o caráter informal da relação como justificativa para o tratamento *você* com o(s) porteiro(s), sendo a palavra “amigo” utilizada por I17 uma demonstração de afeto em certo nível, como mencionamos no segundo parágrafo desta seção. Neste último caso, principalmente, podemos dizer que a *rua* assume a conotação de *casa* (cf. DaMatta, 1997):

I03: É um relacionamento bem... próximo, digamos assim. Não exige essa formalidade não.

I07: Por informalidade...

I17: Porque... eh... eu acredito que seja... eu acredito que seja... Por que que eu utilizava *você*?... Porque eu acho que não havia necessidade de de ser tão formal numa relação diária... porque o porteiro acaba sendo... quase que um amigo... né?

O fato de se conhecerem há bastante tempo foi citado por dois informantes como justificativa ou uma das justificativas para o tratamento *você* com o(s) porteiro(s), o que certamente torna a relação mais próxima, mais íntima:

I26: Porque eles me conhecem desde pequeno.

I27: Não! Porque eu acho que, eu acho que mais uma vez a gente volta a essa questão da da idade. Primeiro porque eles estão muito próximos. Segundo, porque não... eh:: no/ neste caso aí são porteiros que a gente tem um relacionamento de muitos anos. Eles trabalham no edifício desde que eu fui morar no edifício há cerca de 25 anos. Então você tem muita proximidade e tudo, tem idades semelhantes... Se fosse um garoto que estivesse chegando agora, viesse me tratar de/ ele ele trata/ ele certamente não não/ Se fosse um garoto que tivesse chegando agora pra ser porteiro, ele não me trataria nem por *você* porque os os conhecimentos da língua portuguesa dessa garotada que tá chegando agora, digo, né, com pouca escolaridade é horrível, ele ia me tratar de tu, entendeu? ((risos)) Então... eh:: eh:: Eu eu

confesso que... eh:: talvez eu não gostasse. Eu não sei. Vai depender de como que isso seria colocado, né?

É importante chamarmos atenção para a declaração de I27 acima, única menção ao pronome *tu* entre os trinta entrevistados. Segundo Meyer (2004), *tu* é largamente utilizado em contextos muito informais e/ou jovens e está, acima de tudo, ligado a proximidade pessoal, emoção e afetividade. Entretanto, o que destaca o informante é o fato de *tu* fazer parte do dialeto de pessoas de classe social baixa no Rio de Janeiro, onde de fato utiliza-se *tu* com flexão verbal de terceira pessoa do singular, demonstrando uma forma de preconceito linguístico bastante disseminada entre os brasileiros.

Por fim, encontramos entre os homens uma ocorrência para a utilização do pronome *você* justificada como reciprocidade de tratamento:

I29: Porque eles também me tratam assim. Então é:: é:: relação de igualdade.

Ainda em relação ao pronome *você*, agora utilizado pelos cinco informantes do sexo feminino, a questão da idade (porteiros mais jovens ou da mesma faixa etária dos informantes) foi mencionada por todos, sendo que dois destes informantes destacaram também a questão da informalidade da relação:

I04: Eu praticamente não falo muito com eles, eu falo com alguns, né? E esses que eu falo são BEM jovens, são... entre vinte e cinco e trinta anos... por aí. E e o pouco que eu falo, quando eu preciso falar alguma coisa, é *você*.

E: Hum-hum. Então no caso pelo fator idade?

I04: É... talvez. Pelo fato de não... não ter uma... uma formalidade necessária, né, deles serem... engraçados também. Eles também são... ele me chama/tem um deles que me chama de patroa ((risos)). Então... assim...

I08: Eh:: Eu acho que mais também pela idade e pra não ficar uma coisa assim muito formal.

I14: Com todos porque são todos jovens.

I15: Porque de repente... menos idade... e:: somente isso. Mas são tratados com respeito.

I21: Porque são novos.

Quanto aos dois informantes do sexo masculino que afirmaram utilizar *o senhor* com determinado porteiro e *você* com os outros, a idade foi citada como fator determinante de suas escolhas, sendo *o senhor* utilizado com os mais velhos

e *você* com os mais novos. Vale frisar também que ambos mencionaram o fato de terem conhecido os porteiros mais velhos como *Seu X*, ligando a forma de tratamento *Seu* a *o senhor*. Os trechos seguintes, extraídos das entrevistas de cada um destes informantes, ilustram bem o que acabamos de dizer, mas fornecem também a informação de que *o senhor* refere-se também a um distanciamento no caso de I22, ao contrário do que acontece no caso de I28, que fez questão de frisar que *o senhor* não se refere a um distanciamento:

- I22:** O de sessenta e oito eu chamo de *senhor*.
E: Por quê?
I22: Porque eu o conheci sendo/ como *senhor* e:: e:: segui o trata/ segui dando essa continuidade ao trato, né? Ele já é um *senhor* também... E até pra manter uma certa distância também, né?
E: E os outros dois?
I22: Os outros já não. Os outros eu já chamo pelo nome.
E: E a/ Mas aí utiliza *senhor* ou *você*?
I22: *Você*.
E: *Você*? Por quê?
I22: ((silêncio)) Vou te falar que eu não sei. ((risos)) Eh... Não, porque ao ao ao ao Seu Bené, no caso o porteiro mais velho, eu chamo de *senhor* mais por respeito, pela distância e por/ distância que foi eh:: e já veio herdada, né, e também por respeito à idade dele. Aos outros, como eles não são tão velhos assim, eu trato como *você*.
I28: Não! Com com esse... com esse porteiro mais velho eu chamo ele de *senhor*, embo/ até porque como a gente conheceu ele também como SEU Manoel, então isso aí já... já induziu a um tratamento assim mais cerimonioso. Mas não é por... por distância nem nada não... É porque é Seu Manoel e Seu Manoel virou *senhor* naturalmente. Os outros são mais jovens, eu trato por *você* também sem maiores problemas.

Quanto aos seis informantes do sexo feminino que afirmaram utilizar *o senhor* com determinados porteiros e *você* com outros, a idade foi citada por todos como fator determinante ou um dos fatores determinantes de suas escolhas, sendo *o senhor* utilizado com os mais velhos e *você* com os mais novos.

Em relação aos porteiros de mais idade, a informante I01 citou a questão de *o senhor* ser um tratamento usado para indicar respeito por pessoas mais velhas. Já em relação aos porteiros mais novos, percebemos que o tratamento *você* dispensado a eles não foi originalmente motivado pela idade, pois se “não chamar de *senhor*” foi um pedido deles, subentende-se que foi este o tratamento inicial. Caso isto tenha acontecido de fato, podemos afirmar que houve, inicialmente, uma preocupação por parte da informante em enfatizar a distância social existente:

- E:** Hum-hum. E quantos porteiros tem no seu condomínio?
I01: Cinco porteiros.
E: Qual a idade deles aproximadamente? Varia, tem todos a mesma idade?
I01: Não, tem uma variação grande. Os mais velhos eu chamo de *senhor* e os dois mais novos eu chamo de *você*.
E: E por que esse tratamento?
I01: Os mais velhos pela própria idade, eu acho que precisa de um um respeito maior... e os mais novos porque até pedem pra não chamar de *senhor*.

Por sua vez, I06 e I10 citaram apenas a questão da idade:

- E:** E qual o tratamento utilizado com eles?
I06: *Você*.
E: Com todos?
I06: Não. Tem um que é mais velho... então eu chamo de *senhor*. Por causa da idade.
E: E os outros?
I06: *Você*.
E: Por causa da idade também? Quantos anos mais ou menos cada um?
I06: [Por causa da idade.]
 Ah, eles tão na faixa/ eles/ en/ entre trinta e quarenta, por aí.
E: E esse mais velho?
I06: Já deve ter mais que cinquenta.
- E:** E qual o tratamento utilizado com eles: *senhor*, *você* ou depende do porteiro?
I10: Olha, depende do porteiro porque nós temos aqui dois porteiros que são meninos novos. Então o tratamento é *você*.
E: Por serem novos?
I10: Por serem novos. Entendeu? Eles tem aproximadamente... Um tem vinte e cinco anos e o outro tem vinte... vinte e sete.
E: Hum-hum.
I10: E os outros quatro são... *senhores*: um de sessenta anos, um de sessenta e três, o outro tem eu acho que é setenta já, e o outro eu acho que é dessa faixa também, entendeu?... de idade. Então o tratamento é de *senhor*.

A idade foi também o único fator mencionado por I13, que não morava em condomínio com porteiros, mas que se referiu aos porteiros de um condomínio onde já havia morado:

- E:** Hum-hum. E você mora em condomínio com porteiros?
I13: Não, já morei.
E: E qual era a forma de tratamento que você utilizava com esses porteiros?
I13: *Senhor* para os mais velhos e *você* para os mais jovens.
E: Tá ok. Quantos porteiros havia?
I13: Seis.
E: Seis? A idade aproximada deles, desses mais novos?
I13: Entre vinte e sessenta anos.
E: Tá ok. Então o critério utilizado era a idade mesmo, né?

I13: Hum-hum.

Por sua vez, I12 justifica o tratamento *o senhor* destinado ao porteiro mais velho e o tratamento *você* destinado aos porteiros mais novos não só pelo fator idade, mas também pela relação distante que a própria distância etária entre a jovem informante e o porteiro de aproximadamente setenta anos promove:

I12: É, acho que é a idade, um distanciamento por respeito e falta de intimidade também.

Por último, temos I19, que além de mencionar a questão de *o senhor* ser um tratamento usado para indicar respeito por pessoas mais velhas, citou o fato de não gostar do tratamento *a senhora*, transferindo para as pessoas que considera “não tão velhas” o tratamento que prefere receber, ou seja, *você*:

I19: É, o mais velho seria *senhor*, com certeza, e os mais novos é *você*.

E: Por quê?

I19: Uma questão de respeito talvez no tratamento.

E: É, do mais velho... E *você*? Por que *você*? Pela idade, pela/

I19: [Eu não sei. Eu acho que é de mim mesmo. Como eu não gosto de ser chamada de *senhora*, quando eu vejo uma pessoa não tão VELHA, eu não consigo chamar de *senhor* e *senhora*.

De modo geral, a grande diferença encontrada no número de ocorrências do pronome *você* no tratamento com os porteiros ao compararmos os informantes de cada sexo deve-se a dois fatores principais: a questão do distanciamento e um maior número de casos entre os informantes do sexo feminino referente à utilização de *o senhor* com alguns porteiros e *você* com outros. No primeiro caso, quatro informantes do sexo feminino enfatizaram a falta de proximidade e/ou o desejo de manter o distanciamento, o que está ligado à questão da subordinação, para justificar a utilização do pronome *o senhor*, ao passo que apenas a relação de dois informantes do sexo masculino com os porteiros, devido à ênfase dada à questão da subordinação, caracteriza-se por um maior distanciamento. Além do número de ocorrências entre os informantes do sexo masculino ser menor neste caso, o pronome utilizado por eles para enfatizar a distância não é *o senhor*, como fizeram os do sexo feminino, mas *você*. No segundo caso, o número de informantes do sexo feminino cujos condomínios/prédios empregavam porteiros

com considerável diferença etária entre eles era bem maior que o número de informantes do sexo masculino na mesma situação, elevando, assim, o número de ocorrências relacionadas à utilização de *o senhor* com alguns porteiros e *você* com outros entre as mulheres e, conseqüentemente, diminuindo o número de ocorrências referentes aos emprego de *você*.

4.3.4 Autoridades

As ocorrências encontradas em relação ao tratamento dispensado a autoridades apresentam-se conforme as Tabela 14 e 15:

HOMENS (15)	
Tratamento	Nº de ocorrências
<i>o senhor/a senhora</i>	13
<i>você</i>	0
<i>o senhor/a senhora, você</i>	2

Tabela 14: Tratamento destinado a autoridades (1)

MULHERES (15)	
Tratamento (autoridades)	Nº de ocorrências
<i>o senhor/a senhora</i>	14
<i>você</i>	0
<i>o senhor/a senhora, você</i>	1

Tabela 15: Tratamento destinado a autoridades (2)

Até agora, o item *autoridade* foi o que apresentou maior similaridade de respostas entre os informantes do sexo masculino e do sexo feminino. Além do número de ocorrências para cada linha referente ao pronomes de tratamento nas duas tabelas anteriores ter sido quase o mesmo, os motivos dados pelos informantes de ambos os sexos foram bastante parecidos, sendo o fato de se tratar de uma autoridade a resposta mais comum.

Entre os informantes do sexo masculino que afirmaram utilizar apenas o *senhor/a senhora*, nunca *você*, a questão da própria autoridade, naturalmente associada pelos informantes a respeito, hierarquia, formalidade e falta de intimidade, foi a justificativa mais frequente:

- I02:** Questão de de hierarquia e disciplina, tá, que é pregado na na marinha, tá, no meio militar.
- I03:** Olha, principalmente pela formalidade... E fora uma questão de respeito também, né? A gente mal se conhece...
- I05:** Relação... relação de respeito.
- I16:** Por ser mais velho e ser... autoridade.
- I17:** Porque... é uma questão... cultural que me foi ensinada pelos meus pais e:: e até durante o/ a escola, enfim, uma questão cultural.
- I22:** Ah, depende da/ do cargo, da hierarquia que essa autoridade ocupa, né? Eh:: Bom, tento tratar num/ no termo adequado. Mas entre *senhor* e *você* seria sempre *senhor* por se tratar de uma autoridade, todo um respeito...
- I23:** Porque às vezes/ Pelo cargo que ele ocupa, né? E eu também não conhecê-lo, né? Aí...
- I24:** Porque ele é uma autoridade.
- I25:** Normalmente uma autoridade não é uma pessoa que você tenha muito relacionamento, né? Então... você não sabe, né, o que a pessoa pensa, vai chamar logo de/ Pra mim, assim, chamar de *você* não... não é uma coisa comum, né?
- I26:** Pela autoridade que tem.
- I27:** Eu eu trataria/ Por por exemplo, eu acho que um um PM é uma autoridade, ele representa aí uma autoridade, né? Eu trataria ele por *senhor*, entendeu? Porque eu acho que essa é que é/ esse é que deve ser o tratamento respeitoso, até para ter um um retorno respeito também.
- I29:** Bom, aí, pela força do cargo, vai ser *senhor*.

Destacamos a resposta dada por I30, que remete ao “*Você sabe com quem está falando?*” de DaMatta (1997), um comportamento autoritário que ilustra a estrutura social hierarquizada de nosso país. Para o informante, utilizar o *senhor* é uma forma de reafirmar a autoridade de seu interlocutor:

- I30:** É pra, assim, pra não dá margem a ser mal interpretado, né?
Então eh:: vamos dizer assim, se eu sou parado na rua por um... por um policial e ele me pede aquela documentação do carro, alguma coisa desse tipo, eu chamo de *senhor*.

Quando I30 afirma seu desejo de não ser mal interpretado, torna-se evidente sua preocupação em escolher o pronome de tratamento que julga ser adequado para não ameaçar a face do outro e não comprometer sua própria face.

Podemos dizer que a estratégia de polidez negativa “ser deferente” (cf. Brown & Levinson, 1987) foi utilizada por todos os informantes supracitados. O pronome *o senhor* serve, em todos os casos anteriormente expostos, para demonstrar que os informantes, como falantes, reconhecem a superioridade do ouvinte, representada na figura de uma autoridade, não tendo a intenção de danificar a face negativa e, conseqüentemente, a auto-imagem da autoridade, que certamente espera ser tratada como superior. Na realidade, ao atenderem a essa expectativa do ouvinte de ser tratado como superior, os informantes lançam mão, ao mesmo tempo, de uma estratégia de polidez positiva, preservando assim a face positiva deste ouvinte.

Da mesma forma, I07 e I28 mostraram preocupação em minimizar o ato de ameaça à face que é utilizar uma forma ou um pronome de tratamento, mostrando, porém, que nos casos em que a intimidade existente entre os interactantes pode manifestar-se devido ao tipo de situação, à informalidade da situação, *você* torna-se um tratamento igualmente adequado:

- I07:** Hum... Depende da autoridade... Hum... Um tratamento diferenciado pra cada autoridade.
- E:** Hum-hum. Um exemplo: eh eh eh:: se fosse um policial, se fosse o presidente, teria um tratamento diferenciado?
- I07:** Não sei dizer, mas um policial, um presidente, provavelmente, *senhor*, mas uma... uma... um juiz... seria um tratamento diferente.
- E:** Hum-hum, tudo bem. Eh:: Mas você usaria você pra alguma autoridade ou não?
- I07:** Se você tem intimidade, se você conhece a pessoa... hum... depende da situação.
- I28:** Porque eu acho que tem a questão da formalidade. Você não conhece a pessoa... Se se você tá conhecendo ela na CONDIÇÃO de uma autoridade, então é *senhor* e *senhora* porque ela ali não é/ mesmo que seja seu amigo íntimo, mas ali ele tá desempenhando outro papel. Se você encontrar a pessoa na esquina pra beber cerveja, aí... dependendo da intimidade vira *você*. Mas assim, formalmente, como autoridade, é *senhor* e *senhora*.

Na fala de I07, a expressão “um tratamento diferente” utilizada para se referir a “juiz” significa que o informante utilizaria uma forma de tratamento

reverente, assim como a expressão “no termo adequado” encontrada na fala de I22 exposta anteriormente.

Entre os informantes do sexo feminino que afirmaram utilizar apenas o *senhor/a senhora*, nunca *você*, a questão da própria autoridade, associada a respeito, hierarquia, formalidade e falta de intimidade, foi também a justificativa mais frequente:

- I01:** Por hierarquia.
- I04:** Bom, pela questão da da distância, mesmo, né? Da da da situação requerer um um tratamento mais formal.
- I06:** Porque é uma autoridade, então eu quero indicar que eu tenho respeito por ele ou por ela.
- I08:** Por respeito.
- I09:** Pelo respeito à autoridade.
- I10:** Não. Uma autoridade a gente tem sempre que... prevalecer a autoridade. É *senhor*, entendeu?
- I11:** Justamente por ser autoridade, né? Pelo nível e a hierarquia, né?
- I12:** Por quê? ((risos)) Por falta de intimidade mesmo!
E por respeito, né, à à à... à posição da pessoa.
- I13:** Uma questão de distância.
- I14:** Porque eh:: se tratando de uma autoridade...
- I15:** Exatamente por... por não ter intimidade e uma forma de de respeito.
- I19:** Uma questão de respeito mesmo.
- I20:** Ah, eu acho que o *senhor*, ele transmite... ele transmite uma seriedade e um respeito, né? Então, por ser uma autoridade, a gente fica até meio apreensiva de usar *você* e a pessoa se ofender... Enfim, é *senhor*.
- I21:** Por ser uma autoridade.

Como as respostas são praticamente as mesmas dadas pelos informantes de sexo masculino, podemos dizer que há entre as mulheres a mesma preocupação em manter a face da autoridade, pois reconhecem sua superioridade, exceto por parte de I18, cuja resposta encontra-se logo abaixo:

- I18:** É, eu acho que depende da pessoa... E depende acho que também da circunstância, da situação... Não sei. Por exemplo: no caso de um juiz, seria Ilustríssimo Senhor, Excelentíssimo Senhor, entendeu? Não sei. De repente no caso de um delegado, por exemplo, poderia ser *você*...

Diferentemente de I07 e I28, I18 não associou o pronome *você* no tratamento de uma autoridade a uma situação informal na qual também há intimidade, mas a uma atribuição de maior ou menor valor/importância a cargos totalmente subjetiva, o que poderia tornar a interação desagradável ou incômoda caso a autoridade tratada como *você*, considerando-o inadequado, resolvesse demonstrar uma possível insatisfação pelo uso deste pronome.

Com base no que apresentamos a respeito do tratamento destinado a autoridades, podemos concluir que, de um modo geral, os informantes reconhecem a superioridade do ouvinte que exerce o papel de uma autoridade, o que os leva a escolher o tratamento *o senhor/a senhora* a fim de preservarem a própria face e a de seus interlocutores (cf. Goffman, 1967).

4.4

Grupo 3: relação professor/aluno

O contexto da sala de aula no Brasil revela algumas sutilezas na relação professor/aluno. No geral, caracteriza-se pela proximidade desta relação, o que permite que o aluno possa utilizar *você* para se dirigir a professores de ambos os sexos e de idades variadas. No entanto, isto não significa que *o senhor/a senhora* não sejam utilizados. Segundo Rodrigues et al (1992), há uma grande variação no uso dos pronomes de tratamento no contexto universitário, sendo *o senhor/a senhora* destinado a professores mais velhos ou mais formais. Os números das Tabelas 16 e 17 abaixo confirmam a utilização de ambos os pronomes, com destaque para as linhas referentes a nove e onze ocorrências, indicando que o tratamento utilizado varia de professor para professor ou de situação para situação:

HOMENS (15)	
Tratamento	Nº de ocorrências
professor, professora (<i>o senhor, a senhora</i>)	2
professor, professora (<i>você</i>)	4
professor (<i>você</i>) e professora (<i>a senhora</i>)	0
professor (<i>o senhor</i>) e professora (<i>você</i>)	0
professor (<i>o senhor, você</i>) e professora (<i>a senhora, você</i>)	9
professor (<i>o senhor</i>) e professora (<i>a senhora, você</i>)	0
professor (<i>o senhor, você</i>) e professora (<i>a senhora</i>)	0
professor (<i>você</i>) e professora (<i>a senhora, você</i>)	0
professor (<i>o senhor, você</i>) e professora (<i>você</i>)	0

Tabela 16: Tratamento destinado a professores (1)

MULHERES (15)	
Tratamento	Nº de ocorrências
professor, professora (<i>o senhor, a senhora</i>)	2
professor, professora (<i>você</i>)	2
professor (<i>você</i>) e professora (<i>a senhora</i>)	0
professor (<i>o senhor</i>) e professora (<i>você</i>)	0
professor (<i>o senhor, você</i>) e professora (<i>a senhora, você</i>)	11
professor (<i>o senhor</i>) e professora (<i>a senhora, você</i>)	0
professor (<i>o senhor, você</i>) e professora (<i>a senhora</i>)	0
professor (<i>você</i>) e professora (<i>a senhora, você</i>)	0
professor (<i>o senhor, você</i>) e professora (<i>você</i>)	0

Tabela 17: Tratamento destinado a professores (2)

Um fato interessante quanto aos resultados obtidos é que nenhum dos trinta informantes fez qualquer tipo de diferenciação com base no sexo dos professores. Assim, todos responderam “pelo mesmo motivo” ou repetiram suas respostas referentes aos professores (sexo masculino) quando questionados sobre o porquê de utilizarem determinado pronome no tratamento destinado às professoras, levando-nos a analisá-los em conjunto e a apresentar somente a primeira resposta dada por cada informante, ou seja, a resposta referente aos professores do sexo masculino. Na verdade, como veremos adiante, destacaremos apenas as duas respostas dadas por I04 por serem complementares e elucidativas.

No caso dos homens, as únicas duas ocorrências para a utilização de *o senhor/a senhora* referente ao tratamento de professores e professoras têm como base a questão da superioridade, tendo sido as ocorrências que mais refletem uma situação de distanciamento na relação professor/aluno, resultante do ponto de vista do aluno:

I16: Por ser professor, ser uma autoridade.

I24: Eh:: Por ele estar ministrando... Eh:: Eh:: É o mestre... então tem que ter.../ na minha opinião tem que ser tratado dessa maneira.

O mesmo pôde ser verificado em relação às duas ocorrências para a utilização de *o senhor/a senhora* com professores e professoras referentes aos informantes do sexo feminino:

I06: Mesma coisa: eu quero indicar que eu tenho respeito pela posição dele.

I08: Respeito.

Quanto aos casos referentes à utilização do pronome *você* no tratamento de professores e professoras, os quatro informantes do sexo masculino abaixo citaram o hábito vindo desde os tempos da escola, a liberdade dada pelos professores, a preferência dos professores por *você* e o fato de ser esta uma relação corriqueira como motivos de suas escolhas:

I07: A criação. Sempre... desde a escola, sempre... chamei os professores de *você*, sem nenhuma restrição.

I22: Porque eles dão liberdade pra isso e eu prefiro um trato menos formal.

I28: Porque eu tô pensando na/ no meu último curso, que é o de faculdade. Ah, eu acho que porque pelo... pelo relacionamento, pela dinâmica da da da da universidade, acho que não... não... não caberia. Mesmo professores mais velhos – eu tinha um de contabilidade que já era acima – eh:: eu tratava... eu tratava de *você*. Mas assim... naturalmente... Não... Acho que não não tinha aquela... “Ah, não vou chamar de *senhor!*”. Eu acho até que eles nem gostariam, né, de pessoas assim... mais esclarecidas. Agora, se eu me lembrar ali do primário ou mesmo do ginásio, era *senhor* e *senhora*.

I29: Acho que não tem... não é uma situação tão especial pra ter/ ser chamado de *senhor*.

Se por um lado os depoimentos acima corroboram o estudo de Rodrigues et al. (1992), por outro o contrapõem. Segundo as autoras, *você* é o tratamento preferido pelos professores que desejam criar um ambiente de sala de aula menos formal, fato percebido por I28 ao mencionar que muitos professores não gostam do tratamento *o senhor*. Entretanto, afirmam as autoras que, nos primeiros três ou quatro anos de vida escolar, as crianças utilizam *você* no tratamento dado às professoras, mas devem utilizar *a senhora* depois deste período de tempo. Passados quase vinte anos da publicação da referida obra, pode ser que a relação professor/aluno tenha mudado significativamente, mas o fato é que, pelo menos nos dias atuais, a afirmação “the student is expected to shift to the use of *a senhora*” (ibid: p. 24) não procede, nem mesmo com os professores do sexo masculino, não tendo sido também o comportamento adotado por I07, hoje com vinte e dois anos, à época da obra. Mas reiteramos que comportamentos podem mudar, o que se nota ao compararmos I07 e I28: como vimos, o primeiro sempre utilizou *você*; já o segundo, de cinquenta e três anos, utilizava *o senhor/a senhora* aproximadamente quarenta anos atrás. Portanto, não pretendemos apontar erros na obra supracitada, nem poderíamos, mas reforçar que os materiais didáticos de PL2-E disponíveis hoje no mercado devem abranger o imenso número de possibilidades de realização das formas e dos pronomes de tratamento, atualizando-se sempre, pois o que vemos atualmente na relação professor/aluno é o oposto do que foi percebido por Rodrigues et al..

As duas informantes que utilizam *você* no tratamento de professores e professoras enfatizam também o caráter informal da relação professor/aluno:

- I18:** Não sei. Eu acho que... Não sei. Eu acho que talvez *senhor* não... não combine muito... Eu não sei. Eu acho que deixa uma relação muito distante e eu acho que professor ele tem que ter uma relação muito próxima.
- I10:** Olha, hoje em dia como a educação/ tá tudo muito moderno, a cabeça das pessoas estão com a mente bem evoluídas, então vamos tratar todo mundo de *você*.

O maior número de ocorrências refere-se, porém, ao uso dos pronomes *o senhor/a senhora* e *você* vinculados a situações particulares. Como dissemos anteriormente, onde lê-se professor lê-se também professora, pois as respostas dadas pelos informantes de ambos os sexos quando perguntados sobre os motivos que os levam a utilizar um ou outro pronome de tratamento foram as mesmas,

tornando desnecessário apresentar respostas como “pelo mesmo motivo”, “mesma coisa”, “também”, etc.

Dentre os quinze homens entrevistados, nove responderam que a escolha do pronome depende, basicamente, da formalidade ou informalidade exigida pelo professor ou pela situação de interação.

A intimidade foi sabiamente mencionada como algo que se ganha com o tempo por sete destes nove informantes cujas escolhas dependem de algum fator. Por isso, *o senhor/a senhora* é considerado o pronome mais adequado em um primeiro contato ou durante um período inicial, independentemente da idade, sendo substituído por *você* uma vez que a intimidade esteja estabelecida:

- I02:** Professores do sexo masculino? Hum... sempre *senhor*... hum... sempre *senhor*, tá, mas em ALGUNS casos, depende, porque tem alguns casos, tá, eh:: eu ainda ainda... quando a a intimidade vai se ganhando com o tempo... hum... e e o o próprio professor... hum... ele vai... *peDINdo*, né, ele vai *peDINdo* que a gente chame pelo nome ou por *você*... hum... que ele mesmo se incomoda... hum... com o fato de eu chamar de *senhor*. Mas em princípio é *senhor*.
- I03:** O critério inicialmente é chamar de *senhor* até que se crie um um estreitamento que me permita abolir a formalidade.
- I23:** Dependeria. Vamos dizer assim: eh:: tem professor, né, que você já vê, sei lá, aí ele já tá/ todo mundo chama de *senhor*, aí você vai no embalo de *senhor*, né? Se eu tiver mais intimidade eu chamo de *você*.
- I25:** Aí... depende também do do relacionamento com com o professor, da da postura dele, né? Tem pessoas muito formais, aí fica com *senhor* mesmo. Agora, outros que você vai criando um relacionamento mais... né, mais... mais de amizade, né, digamos assim, aí... *você*.
- I26:** Eh:: Depende mais da intimidade que você tem com a pessoa. Se a pessoa der a brecha de chamar *você*/ ela de *você* ou... se ela não gosta... Aí depende da pessoa.
- I27:** A priori *senhor*, *senhor*, *senhor*, *senhor*, *senhor*! E com mais intimidade, professor... e talvez numa conversa mais coloquial você poderia usar *você*, mas... mas a priori é *senhor*.
- I30:** Ah, eu acho que... assim, inicialmente, primeiro dia de aula, assim... logo na primeira semana, talvez eu possa até chamar de *senhor*, mas depois já... já vai ficando mais próximo, né, e aí eu com certeza vou passar a chamar de *você*.

Os outros dois informantes responderam que *o senhor/a senhora* utilizado inicialmente é substituído por *você* caso o professor ou professora explicita este desejo, sendo que I05 não faz distinção de faixa etária, ao contrário de I17, que inicialmente já utiliza *você* com professores mais novos:

- I05:** Também relação de respeito... embora alguns peçam para que não chame de *senhor*. Aí... volta pro *você*. Mas inicialmente na relação é *senhor*.
- I17:** Professores do sexo masculino... Depende da idade: se for um professor que tem uma idade avançada do tipo sessenta, setenta anos, é *senhor*; se for um professor que tenha faixa etária de trinta, quarenta anos, é *você*. E depende se a pessoa exigir... que seja aplicado esse tipo de pronome.

No caso das mulheres, dentre as quinze entrevistadas, onze responderam que a escolha do pronome depende de determinadas circunstâncias. A idade do professor foi o único fator mencionado por cinco destas onze informantes:

- I01:** Isso depende. Depende da idade deles.
- I09:** Da faixa etária. ((risos))
- I11:** Aí depende da da faixa etária. Os mais jovens, né, e e se eu sentir que tem, né, um/ uma abertura, uma informalidade maior é *você*. Aqueles mais formais e mais velhos... *senhor, senhora*.
- I14:** Ah, dependeria do professor. Da idade, né?
- I21:** Depende. Se for um professor que aparenta ser mais velho, *senhor*. Se for um professor mais novo... *você*.

Já a questão da intimidade foi mencionada por outras três informantes:

- I13:** Depende da proximidade.
- I19:** É, depende do professor e da situação. Se for um professor que eu tenha mais intimidade, eu vou chamar por *você*.
- I20:** Colegas de profissão, independentemente da idade, *você*. Agora, professor da minha faculdade, por exemplo, é *senhor*... A menos que ele dê intimidade pra que chame de *você*, ou seja, um professor mais próximo.

Destacamos I04, que além de ter mencionado o fato de que há atualmente muitos professores que não gostam do tratamento *o senhor/a senhora*, argumentou que a utilização de *você* é resultado da intimidade estabelecida entre professor e aluno, intimidade que acaba levando a uma informalidade:

- I04:** Aí vai depender também da... da intimidade que eu tenho com o professor. E tem professores também que não gostam de ser chamados dessa forma e eles mesmos acabam exigindo que *você* os chame de *você*.
- E:** E professoras?
- I04:** Idem. Aí vai depender também da da proximidade, da abertura que a pessoa der... Se a pessoa for muito formal, *você* percebe que a pessoa é

formal, eu acho que eu acabo tratando de *senhor* e *senhora*, mas se você percebe que a pessoa dá uma abertura, você tem mais... mais... eh:: mais conversa, mais proximidade, aí... acaba caindo na informalidade.

A questão da intimidade também foi levantada por outras duas informantes, contudo, considerando a faixa etária dos professores. Sendo assim, *o senhor/a senhora* é considerado o pronome mais adequado em um primeiro contato ou durante um período inicial, principalmente quando se refere a professores mais velhos, sendo substituído por *você* uma vez que a intimidade esteja estabelecida:

- I12:** Ah:: Não! Aí eu acho que depende... Depende da idade e depende da liberdade que a pessoa me dá... né? Eu começaria chamando de... de... de *senhor* se fosse uma pessoa mais velha, né, e se a pessoa me desse a liberdade eu chamaria de *você*.
- I15:** Do sexo masculino... Posso tratar de *você* também, depende da situação. Depende do do do do professor, né? Pode ser utilizado *senhor* ou *senhora*. Depende muito da... do do do da pessoa diretamente, do do do tipo de convivência que você tem com esse profissional, né, do convívio que você tem com esse profissional. Se for um profissional mais afastado, você... você obrigatoriamente usa *senhor*. Se for um profissional que se deixa se chegar mais, você normalmente usa *senhor*, *você* aliás.
- E:** Independente da idade?
- I15:** Independente da idade, mas nor/ normalmente a pessoa mais velha, professor ou professora, eu tenho... eu tenho... a.../ o meu procedimento é... é... usar o *senhor* ou *senhora*.
- E:** Tá ok. Inicialmente, né? Se a pessoa permitir... aí você usa *você*?
- I15:** Exatamente.

De um modo geral, concluímos que há uma tendência a empregar o pronome *você* como tratamento destinado a professores e professoras. O que devemos ressaltar, todavia, é que há limites muito bem conhecidos nessa relação professor/aluno: o fato de encontrarmos professores confraternizando com seus alunos num barzinho da cidade após a aula ou num churrasco de fim de semana na casa de algum aluno ou do próprio professor não permite levar para a sala de aula nem a camaradagem nem o comportamento extremamente informal que estes ambientes favorecem, ou seja, de informal e próximo, só o pronome *você*. Segundo Meyer (2004), o professor pode tornar-se um amigo, mas “em sala de aula o professor será sempre o professor”.

Acreditamos que as informações contidas nesta seção são primordiais para um estrangeiro que esteja estudando no Brasil, pois a relação professor/aluno em nossa cultura é bastante peculiar. E são exatamente nossas peculiaridades, ideias e

nosso comportamento que constroem nossa identidade e a tornam distinta de tantas outras (cf. Scollon & Scollon, 2001). O estudo do emprego das formas e dos pronomes de tratamento fornece, portanto, subsídios que podem contribuir para uma interação satisfatória entre interactantes de línguas/culturas diversas. Além deste, precisamos identificar outros aspectos de nossa cultura subjetiva (cf. Bennett, 1998) que possam causar estranheza a falantes de outras línguas a fim de que seja possível criarmos condições para que estes aprimorem sua competência intercultural e o uso da língua.

4.5 Conclusões parciais (1)

Conforme observado após a análise parcial dos dados obtidos através da transcrição das trinta entrevistas realizadas para este estudo, o tipo de relação existente entre falante e ouvinte e o contexto no qual estes estão inseridos em determinado momento estão diretamente ligados ao emprego dos pronomes de tratamento *o senhor/a senhora* e *você*. Por meio do levantamento dos diferentes fatores que concorrem para a escolha de um ou outro pronome, vinculados historicamente à organização da sociedade com base na família e na organização da sociedade em termos de poder, constatamos que, em geral, há hoje uma preferência por estabelecer e manter relações que denotam maior proximidade e um interesse em tornar informais e, conseqüentemente, mais confortáveis ambientes originalmente formais.

No tocante às relações de parentesco, o emprego do pronome *você* no tratamento com os pais está diretamente relacionado à intimidade existente entre pais e filhos e à criação recebida. Em relação ao pronome *o senhor/a senhora*, a criação recebida dos pais também está intrinsecamente ligada à sua escolha, mas trata-se de uma criação pautada num certo conservadorismo, na obediência e no costume de relacionar ao pronome a palavra respeito. Por sua vez, respeitar significava ter recebido boa educação dos pais (na verdade, até hoje denota boa educação, não poderia ser diferente), e dizia a boa educação que os mais velhos mereciam respeito. Quanto aos casos de flutuação, percebemos que estes podem

ser consequência da influência de fatores emocionais, da mudança de espaço físico, da presença de outros participantes e do fim a que o emprego de determinado pronome se destina.

Em relação a sogros e sogras, contrariamente ao que observamos em relação aos pais, há uma maior incidência do emprego de *o senhor/a senhora*, não somente em virtude do costume de ser deferente aos mais velhos, mas devido à falta de proximidade. Já o emprego de *você* está relacionado, basicamente, a uma autorização dada pelos sogros a genros e noras, seja por um desejo de estabelecer intimidade (“somos agora uma só família”), seja por uma questão de vaidade.

As relações caracterizadas por diferenças baseadas nas questões de subordinação e poder refletem, quando os envolvidos se conhecem, uma tendência à informalidade.

O número elevado de ocorrências referentes ao emprego do pronome *você* para se referir ao chefe, ou seja, de inferior para superior, pautado na questão da liberdade concedida pelo chefe, na informalidade do ambiente de trabalho e na inexistência de diferença etária (ou mesmo no fato de o chefe ser mais jovem que o subordinado), é causa e consequência do estreitamento das relações no ambiente de trabalho.

Da mesma forma, mas agora referindo-se ao tratamento de superior para inferior, o número de justificativas dadas pelos informantes para o uso de *a senhora* ou *você* como tratamento destinado às empregadas domésticas e diaristas que refletem a ligação do pronome escolhido com a questão da intimidade e/ou da idade é muito maior que o número de justificativas que relacionam o pronome escolhido à questão da subordinação ou do distanciamento.

Em relação aos porteiros, semelhantemente, constatamos que o número de justificativas dadas pelos informantes para o uso de *o senhor* ou *você* que refletem a ligação do pronome escolhido com a questão da informalidade e/ou da idade é muito maior que o número de justificativas que relacionam o pronome escolhido à questão da subordinação ou do distanciamento.

O único caso divergente do grupo caracterizado por relações de subordinação e poder refere-se ao emprego dos pronomes *o senhor/a senhora* e/ou *você* como tratamento destinado a autoridades, tendo sido a possibilidade de empregar *você* mencionada por apenas três informantes do total de trinta, o que se justifica pelo fato de praticamente todos os informantes terem pressuposto não

estarem se dirigindo a alguém conhecido. Uma vez que o ouvinte desempenha o papel de alguém que representa uma autoridade, isto é, de alguém reconhecido por ser hierarquicamente superior, o fato de não conhecê-lo impede, segundo o bom senso, tratá-lo como *você*.

Quanto à relação professor/aluno, percebemos também a preferência pelo pronome *você* como tratamento destinado a professores e professoras de qualquer idade, mesmo que não num primeiro contato ou inicialmente. Este resultado está ligado à tendência de tornar o ambiente da sala de aula um ambiente informal e a relação entre professores e alunos uma relação próxima, embora com respeito e com limites compreendidos por todos.

4.6

Grupo 4: relações não-específicas

Como mencionamos em 4.1, consideramos os quatro itens deste grupo voltados para mulheres e homens de um modo geral, incluindo aqueles que não fazem parte do círculo de conhecidos dos informantes. Portanto, veremos a seguir quais fatores determinam o emprego dos pronomes *o senhor/a senhora* e *você* quando a interação ocorre entre os informantes e seus conhecidos cujos papéis não foram especificados, como nos três grupos anteriormente analisados, e entre os informantes e pessoas desconhecidas.

4.6.1

Mulheres e homens da mesma faixa etária dos informantes

Como vimos no capítulo 2, Cunha & Cintra (2007) chamam atenção para *você* como a forma preferida para indicar intimidade na maior parte do Brasil e como tratamento entre iguais ou de superior para inferior. Por sua vez, Santos (2003) aponta que *você* é considerado padrão e uma maneira de não pôr em risco a face do ouvinte. Estas considerações podem ser ilustradas, de modo geral, pelas

respostas dadas por nossos trinta entrevistados, como veremos ao longo desta seção, e pelos números obtidos para cada uma das linhas das tabelas a seguir:

HOMENS (15)	
Tratamento	Nº de ocorrências
mulheres, homens (<i>a senhora, o senhor</i>)	0
mulheres, homens (<i>você</i>)	8
mulheres (<i>você</i>) e homens (<i>o senhor</i>)	0
mulheres (<i>a senhora</i>) e homens (<i>você</i>)	0
mulheres (<i>a senhora, você</i>) e homens (<i>o senhor, você</i>)	7
mulheres (<i>a senhora</i>) e homens (<i>o senhor, você</i>)	0
mulheres (<i>a senhora, você</i>) e homens (<i>o senhor</i>)	0
mulheres (<i>você</i>) e homens (<i>o senhor, você</i>)	0
mulheres (<i>a senhora, você</i>) e homens (<i>você</i>)	0

Tabela 18: Tratamento destinado a mulheres e homens da mesma faixa etária dos informantes (1)

MULHERES (15)	
Tratamento	Nº de ocorrências
mulheres, homens (<i>a senhora, o senhor</i>)	0
mulheres, homens (<i>você</i>)	12
mulheres (<i>você</i>) e homens (<i>o senhor</i>)	0
mulheres (<i>a senhora</i>) e homens (<i>você</i>)	0
mulheres (<i>a senhora, você</i>) e homens (<i>o senhor, você</i>)	2
mulheres (<i>a senhora</i>) e homens (<i>o senhor, você</i>)	0
mulheres (<i>a senhora, você</i>) e homens (<i>o senhor</i>)	0
mulheres (<i>você</i>) e homens (<i>o senhor, você</i>)	1
mulheres (<i>a senhora, você</i>) e homens (<i>você</i>)	0

Tabela 19: Tratamento destinado a mulheres e homens da mesma faixa etária dos informantes (2)

No total, há um maior número de ocorrências do pronome *você*, o que se deve ao fato de os informantes terem se identificado com o tipo de ouvinte indicado (mulheres e homens de sua faixa etária) pelo fator idade, considerando-o um tratamento entre iguais. Além disso, *você* é a escolha de muitos informantes por ser *o senhor/a senhora* também uma forma de insinuar que o ouvinte aparenta

ser mais velho do que realmente é, pondo em risco sua face (cf. Goffman, 1967). Já os casos em que os entrevistados responderam “depende” focam principalmente a questão das dicotomias proximidade/distanciamento e formalidade/informalidade.

Antes de darmos início à apresentação e à análise dos dados desta seção, ressaltamos que, assim como ocorrido para os outros itens do questionário, as respostas dadas pelos informantes de ambos os sexos quando perguntados sobre os motivos que os levam a utilizar um ou outro pronome de tratamento com “mulheres da sua faixa etária” se repetiram, na maioria das vezes, para o item “homens de sua faixa etária”, tornando desnecessário, salvo nos casos em que funcionam como complemento para as primeiras respostas e nos casos em que as respostas diferem, apresentá-las novamente ou ilustrar nossa análise com respostas como “pelo mesmo motivo”, “mesma coisa”, “também”, etc.

Quanto aos oito informantes do sexo masculino que utilizam *você*, o fato de não haver distância etária foi citado por quatro como justificativa para tal escolha:

- I05:** Pelo mesmo motivo também, por regular pela minha idade...
- I07:** Hum... Porque eu acho que da nossa idade, assim, não precisa ter uma formalidade... tão grande.
- I16:** Por ser da fa/ da mesma faixa etária.
- I26:** ((silêncio)) Não tem um motivo. É por costume... por não ter essa diferença de idade.

Os outros quatro informantes que utilizam *você* mostraram grande preocupação em pôr em risco a face de seus ouvintes do sexo feminino caso decidissem optar por *a senhora*:

- I17:** Porque... Eu acho que é até uma questão... de etiqueta. Eu acho que a pessoa vai se sentir ofendida se eu chamar ela de *senhora*, entendeu? Uma pessoa da minha faixa etária, uma mulher da minha faixa etária, eu acredito que se eu chamá-la de *senhora*, ela... com certeza irá se ofender.
- I23:** Porque eu acho... Às vezes a gente chama muito de *senhora* quando a gente vê que tá mais acabada, né? ((risos)) Mas normalmente eu acho que *você* eu acho que melhora (bastante) a auto-estima.
- I29:** Porque nenhuma mulher gosta de ser chamada de *senhora*...
- I30:** Pelo mesmo motivo. Às vezes eu encontro uma pessoa que tenha a mesma idade e:: eu acho que ela pode ficar um pouco chateada por ser chamada de *senhora*.

Deve se olhar no espelho talvez e falar: “Não, deixa eu ver como é que eu tô que... ((risos)) tão me tratando por *senhora*, eu devo tá aparentando ter mais idade, né?”

De fato, Rodrigues (2000, apud Santos, 2008) já havia chamado atenção para o fato de *o senhor/a senhora* nem sempre ser um tratamento polido, como mencionado no capítulo 2 deste estudo e aqui reiterado:

“o termo *senhor*, muitas vezes, é considerado pejorativo, indicando, supostamente, ou que a pessoa com quem falamos é bem mais velha (o que não é educado, segundo a ‘etiqueta’), ou uma frieza, uma distância entre as pessoas.

Em relação ao item “homens de sua faixa etária”, I23 e I30 responderam que o tratamento *você* justifica-se pelo mesmo motivo explicitado em relação às mulheres, ou seja, pode insinuar que os ouvintes aparentam ser mais velhos, demonstrando preocupação com a vaidade masculina. Por sua vez, I17 e I29 alegaram a questão da idade e a igualdade que a mesma faixa etária estabelece como razões de suas escolhas, respectivamente:

I17: Ah, isso não há... não há critério algum, é você. Não tem como chamar de *senhor*.

E: Pelo mesmo motivo, então? Por causa da idade?

I17: Isso.

I29: Relação de igualdade.

Quanto aos doze informantes do sexo feminino que utilizam *você*, o fato de não haver distância etária foi citado por oito como justificativa para tal escolha:

I04: Pela idade mesmo.

I06: Porque... elas são jovens como eu e... é normal tratar de *você*, né?

I09: Porque... não sei... ((risos)). Difícil, né? Não sei por que. Porque... é JOvem!

I11: Ah, acho que por causa da faixa etária mesmo, né? Identificação... Jovens, né, mais jovens...

I13: Porque têm a mesma faixa etária que eu.

I14: Porque... são gente jovem também, né...?

I12: *Você*. Acho que por conta da idade mesmo.

I21: Porque... são novas.

Outras duas informantes, I19 e I08, que utilizam *você* mostraram também certa preocupação com a possibilidade de não agradar o ouvinte, seja ele homem ou mulher, pois colocam-se na mesma posição que eles, fazendo uma transferência de suas expectativas:

I19: Por isso. Acho que porque, como eu não gosto de ser chamada *senhora*, eu... me sinto como se eu tivesse insultando o outro também.

I08: Porque eu me coloco em igualdade com elas e é o jeito que eu gostaria.

Da mesma forma, I18 mostrou-se preocupada com a questão do risco à face do outro (cf. Goffman, 1967), atentando também para o fato de que utilizar o *senhor/a senhora* com uma pessoa da mesma idade pode indicar o desejo de manter um distanciamento:

I18: Acho que geralmente *você*. Até pra manter uma... uma proximidade e também não parecer que EU sou muito mais velha.

E: E homens da sua faixa etária?

I18: Acho que *você* pelo mesmo motivo.

E: Hum-hum. No caso, pra VOCÊ não parecer mais velha ou a PESSOA não parecer mais velha?

I18: Pra que eu não me sinta mais velha e não deixe a pessoa mais velha.

Ainda quanto ao pronome *você*, a justificativa dada por I10 revela que, segundo seu ponto de vista, utilizar o *senhor/a senhora* para se referir a pessoas da mesma faixa etária do falante é algo ultrapassado:

I10: Não. Todas *você* porque hoje em dia eh:: dependendo... assim... da.../ ((rápido)) Da mesma faixa etária é tudo *você* porque hoje em dia é tudo muito moderno, entendeu? As pessoas tem uma outra cabeça.

Quanto aos sete informantes do sexo masculino que utilizam o *senhor/a senhora* em determinados contextos e *você* em outros, todos levantaram a questão da existência ou não de intimidade e da formalidade ou informalidade da situação como fatores decisivos, sendo todas as respostas abaixo válidas para o item “homens de sua faixa etária”:

I02: Ah, depende! Da da minha idade? Ah, depende muito! Depende se... dessa questão de subordinação, se tem intimidade ou não... hum... depende...

hum... eh eh eh... da situação também, se é uma situação de intimidade, qual é a relação que eu tenho com essa com essa mulher dessa mesma idade/ da mesma idade que eu.

- I03:** Se for alguma cliente, do meu relacionamento profissional, eu trato por *senhor* ou *senhora*.
- E:** Hum-hum. Então isso serve pra homens também... da sua faixa etária?
- I03:** [Se for alguma...] [Também... Isso... Pelo menos no contato inicial...]
- E:** Hum-hum.
- I03:** Depois eles... (incompreensível) eh:: liberarem a formalidade...
- E:** Hum-hum. Aí você chama de *você*?
- I03:** Aí eu chamo de *você* ou da forma que ele preferir, enfim.
- I22:** Porque eu sempre tento... ser não muito formal.
- E:** E homens da sua faixa etária?
- I22:** *Você* também.
- E:** Motivo?
- I22:** Da mesma forma: tento não ser muito formal, a não ser que a situação exija, tipo... uma visita a a negócios, uma viagem a trabalho, alguma coisa assim. Mas de de qualquer forma, no decorrer da da viagem, da visita, enfim, eh:: pode ser que o tratamento mude, comece como, como *senhor* e conforme vá ocorrendo as coisas, pa/ passe pra *você*. Eu prefiro sempre *você*.
- E:** E aí mulher seria a mesma coisa também? Conforme/
- I22:** [Mulher também, mulher também, mulher também.]
- I24:** Se for uma pessoa de de intimidade... seria *você*. Se for eh:: uma pessoa que eu não tenha essa coisa, será *senhora*.
- I25:** Eh:: Depende da circunstância. Normalmente se tiver uma pessoa que você não tem muito relacionamento ou se for um contato mais formal, né, seria *senhora* no caso, né?
- I27:** Se tiver dentro da minha des/ Vai depender da situação no seguinte sentido: se é uma... uma... uma pessoa que eu não conheço, eu vou chamar de *senhora*. Se é uma pessoa que eu tenho mais intimidade, claro que eu vou chamar de *você*.
- I28:** Depende da situação. Eu diria que majoritariamente é *você*. Numa situação mais formal, principalmente quando eu não conheço a pessoa, eu... tendo a chamar de *senhora*. Se a pessoa disser que não precisa falar... tudo bem, vou empregar *você*. Se não falar nada vai continuar como *senhora*, o que é válido também pro pessoal do sexo masculino. O tratamento é (incompreensível).

O ponto de vista comum aos sete informantes anteriores contrasta com o ponto de vista dos quatro primeiros informantes que utilizam *você* citados nesta seção à medida que estes últimos consideram “iguais” todos aqueles que possuem idades semelhantes às suas, sejam eles íntimos ou não. Contrariamente, o que prevalece para os primeiros é, como vimos, o tipo de relação que o informante tem com esse ouvinte e/ou o tipo de situação em que se encontram, podendo

indicar que não há interesse em quebrar o distanciamento ou a formalidade por parte dos falantes ou que espera-se que os ouvintes sinalizem a não necessidade do tratamento *o senhor/a senhora*.

Quanto a I01 e I15, as duas informantes que afirmaram utilizar *o senhor/a senhora* em determinados contextos e *você* em outros, foram citadas como fatores decisivos para tal a questão da existência ou não de hierarquia e a questão do grau intimidade, estando o pronome *você*, quando não há hierarquia ou intimidade, relacionado sempre à questão da mesma faixa etária:

I01: Pela mesma faixa etária, não tem... não tem a questão hi/ se não tiver a questão hierárquica, é sempre *você*.

I15: Normalmente *você*. Mas eh:: tem/ Normalmente *você*, mas depende às vezes da situação. Às vezes pela/ por *você* não ter tanta intimidade... e a... *você*... coloca o tratamento como *senhora*.

[(incompreensível) às vezes até por não dar muita abertUra, *você* de repente, dependendo da hierarquia, né, da posição que essa pessoa ocupa, tendo menos... tendo tendo a mesma idade minha, mas dependendo da hierarquia dessa pessoa, eu... posso chamá-la de *senhora*.

Por sua vez, I20, a única informante cuja resposta para o item “mulheres de sua faixa etária” foi diferente da resposta referente ao item “homens de sua faixa etária”, mostrou claramente que, no caso dos homens, a utilização de *o senhor* revela a intenção de indicar ou manter um distanciamento, o que parece não ser necessário em relação às mulheres:

E: Hum-hum. Mulheres da sua faixa etária: *senhora*, *você* ou depende?

I20: *Você*. Porque eu acho que é isso: *senhora* *você* mostra uma certa distância, uma certa formalidade. Eu acho que pessoas da minha idade... eu eu me adaptaria/ sentiria mais confortável em em usar *você*.

E: E homens da sua faixa etária?

I20: Homens eu acho que depende. Eh:: Mais pra mostrar uma certa distância, né...? Evitar proximidade...

E: Aí *você* usaria o quê?

I20: Pra evitar essa essa essa essa... essa ligação, *senhor*. Se fosse uma pessoa próxima, com intimidade, *você* sem problema algum.

De forma geral, as respostas dadas pelos informantes de ambos os sexos apresentaram justificativas plausíveis para todos os itens da entrevista até aqui. Entretanto, as justificativas selecionadas abaixo poderiam induzir-nos a acreditar

que *o senhor/a senhora* é utilizado como tratamento destinado a qualquer estranho, ainda que de nossa faixa etária:

- I24:** Se for uma pessoa de de intimidade... seria *você*. Se for eh:: uma pessoa que eu não tenha coisa, será *senhora*.
- I27:** Se tiver dentro da minha des/ Vai depender da situação no seguinte sentido: se é uma... uma... uma pessoa que eu não conheço, eu vou chamar de *senhora*. Se é uma pessoa que eu tenho mais intimidade, claro que eu vou chamar de *você*.

Acreditamos ser um equívoco a generalização da possibilidade de utilização do pronome *o senhor/a senhora* como tratamento destinado a estranhos pelo simples fato de os interactantes serem estranhos. Parece-nos que I24 e I27 vincularam o fato de não conhecerem seus interlocutores a situações necessariamente formais e distantes, compreendendo ser *o senhor/a senhora* o tratamento adequado a estas situações. Entendemos que a formalidade de uma situação pode sim ser um fator suficiente para que pessoas desconhecidas de mesma faixa etária tratem umas às outras utilizando *o senhor/a senhora*, ou que pessoas numa posição inferior tratem pessoas desconhecidas numa posição superior desta forma, mas não somente o fato de os interactantes não se conhecerem. Acreditamos, por sermos falantes nativos e observadores do comportamento linguístico dos outros membros da nossa sociedade, ser bem mais provável que, por exemplo, uma pessoa se refira à vendedora de uma loja de mesma faixa etária utilizando *você* que *a senhora*, apesar de se tratar de uma desconhecida e não haver nenhum grau de intimidade com ela.

Casos como os descritos acima reforçam a necessidade de que mais pesquisas voltadas para a descrição do português sejam realizadas. Se um professor não-nativo de português obtivesse de vários falantes nativos as respostas dadas por I24 e I27, não tendo tido este professor a oportunidade de se inserir em nossa cultura, poderia concluir que *o senhor/a senhora* é utilizado como tratamento destinado a qualquer estranho, independentemente da faixa etária, passando adiante esta informação.

Por fim, a análise dos dados apresentados nesta seção levam-nos a concluir que o fato de os informantes não conhecerem seus interlocutores e/ou o fato destes interlocutores não estarem representados através de papéis específicos,

apesar da não diferença etária, propiciam o emprego de *o senhor/a senhora* nos casos em que há uma hierarquia marcada, ocupando o informante uma posição inferior, e em situações bastante formais. Entretanto, há a possibilidade de substituir este tratamento por *você*, observadas certas circunstâncias. Salvo estas situações, o fato de terem informantes e interlocutores a mesma faixa etária e a preocupação em não ofender o interlocutor propiciam o emprego de *você*.

4.6.2

Mulheres e homens mais velhos que os informantes

É comum encontrarmos referências ao pronome *o senhor/a senhora* como sendo um tratamento cerimonioso, formal e indicativo de respeito por pessoas mais velhas, assim como referências ao pronome *você* como tratamento informal e destinado àqueles com idade semelhante à idade do falante. Apesar de não serem estas as únicas possibilidades de realização destes pronomes, estas informações são muito importantes para um estudante estrangeiro, pois representam suas formas mais comuns de realização. No entanto, é primordial que o estudante conheça contextos reais de uso do pronome *o senhor/a senhora* destinado a pessoas mais jovens e do pronome *você* destinado a pessoas mais velhas.

De início, as Tabelas 20 e 21 já revelam a existência de contextos que favorecem a utilização de *você* como tratamento destinado a mulheres e homens mais velhos, vide o número de ocorrências referentes ao uso de ambos os pronomes na sétima linha de cada tabela:

HOMENS (15)	
Tratamento	Nº de ocorrências
mulheres, homens (<i>a senhora, o senhor</i>)	4
mulheres, homens (<i>você</i>)	0
mulheres (<i>você</i>) e homens (<i>o senhor</i>)	0
mulheres (<i>a senhora</i>) e homens (<i>você</i>)	0
mulheres (<i>a senhora, você</i>) e homens (<i>o senhor, você</i>)	11
mulheres (<i>a senhora</i>) e homens (<i>o senhor, você</i>)	0
mulheres (<i>a senhora, você</i>) e homens (<i>o senhor</i>)	0

mulheres (<i>você</i>) e homens (<i>o senhor, você</i>)	0
mulheres (<i>a senhora, você</i>) e homens (<i>você</i>)	0

Tabela 20: Tratamento destinado a mulheres e homens mais velhos que os informantes (1)

MULHERES (15)	
Tratamento	Nº de ocorrências
mulheres, homens (<i>a senhora, o senhor</i>)	1
mulheres, homens (<i>você</i>)	0
mulheres (<i>você</i>) e homens (<i>o senhor</i>)	0
mulheres (<i>a senhora</i>) e homens (<i>você</i>)	0
mulheres (<i>a senhora, você</i>) e homens (<i>o senhor, você</i>)	14
mulheres (<i>a senhora</i>) e homens (<i>o senhor, você</i>)	0
mulheres (<i>a senhora, você</i>) e homens (<i>o senhor</i>)	0
mulheres (<i>você</i>) e homens (<i>o senhor, você</i>)	0
mulheres (<i>a senhora, você</i>) e homens (<i>você</i>)	0

Tabela 21: Tratamento destinado a mulheres e homens mais velhos que os informantes (2)

Em relação às quatro ocorrências referentes ao pronome *o senhor/a senhora* entre os informantes do sexo masculino, a questão da distância etária e da associação deste pronome a uma forma respeitosa de tratamento, algo ensinado pelos pais ou mesmo nas escolas, motivam tal escolha:

I16: Por ser mais velha.

I22: Normalmente eu chamo de *senhora* em em respeito eh:: como um tratamento de respeito, né, respeitoso à idade, à experiência que ela tem a mais que eu.

I24: Sempre *senhora*. Sempre *senhora*. Não, eh eh eh eh criação...

I26: Por educação.

A única informante que também afirma utilizar apenas *o senhor/a senhora* como tratamento destinado a mulheres e homens mais velhos argumenta ter sido esta a educação recebida:

I14: Porque são pessoas mais mais velhas do que eu, e eu fui acostumada a chamar pessoas mais velhas de *senhora*.

Quanto aos onze informantes do sexo masculino que utilizam *o senhor/a senhora* em determinados contextos e *você* em outros, três levantaram a questão da existência ou não de intimidade para explicar a variação:

- I02:** Ah, mulheres mais velhas do que eu também depende... hum... eh:: de todos esses fatores: intimidade, situação... hum... relação que eu tenho com essa mulher mais velha...
- I07:** Depende da situação. Se... Depende se você tem intimidade com a pessoa, se você... conhece a pessoa bem... ou não! Ou depende do local...
- I27:** Não! Se eu conheço, posso até chamar de *você*. Se eu não conheço, eu vou chamar de *senhora*.

Contudo, tais argumentos não nos permitem tecer considerações muito precisas acerca dos contextos que estes três informantes tomam como base para decidir sobre a adequação ou inadequação de cada pronome, pois faltam detalhes. Podemos apenas argumentar que, partindo do pressuposto que intimidade é algo que se estabelece com o tempo de convívio, estes informantes tratariam desconhecidos como *o senhor/a senhora* em qualquer ocasião. Por sua vez, quando se trata de pessoas conhecidas, podem influenciar suas escolhas a formalidade ou informalidade da situação, a intimidade ou o distanciamento que caracterizam a relação entre os interactantes e o quão mais velhos são seus interlocutores.

Outros dois informantes incluídos na sétima linha da Tabela 19, ao serem questionados sobre o tratamento utilizado com mulheres mais velhas, afirmaram utilizar *a senhora* devido a uma questão de respeito, educação, sendo todavia considerados casos de variação por apresentarem cada um um porém para sua resposta:

- I05:** Por uma relação de respeito... a não ser que se gere uma relação , um trato íntimo, uma relação próxima, que aí a própria pessoa vai pedir pra que... não haja necessidade de ser chamado de *senhor* ou *senhora*.
- I28:** Porque aí prevalece a questão da educação. E mais ou menos a mesma coisa: se se a pessoa disser “Ah, não precisa me chamar de *senhora*, pode me chamar de *você*”, aí eu me sinto mais à vontade. Se não houver nada, é *senhor* e *senhora* de qualquer forma.

As respostas acima, igualmente aplicáveis ao item “homens mais velhos que você”, apesar de reduzidas, são bastante claras, o que nos permite afirmar que,

numa situação em que o ouvinte manifeste seu desejo de ser tratado como *você*, a mudança de *o senhor/a senhora* para *você* indica um comportamento polido por parte do falante, isto é, o falante utiliza uma estratégia de polidez positiva (cf. Brown & Levinson, 1987) voltada para a satisfação do desejo do ouvinte, evitando até mesmo ofendê-lo, visto que a velhice em nossa sociedade é percebida por muitos como algo negativo.

Outro informante do sexo masculino cuja resposta indica variação de tratamento observadas certas circunstâncias é I17. Este informante foi bastante minucioso ao destacar a questão da hierarquia e ao precisar a distância etária para então mostrar em que contextos utiliza *a senhora* e em que contextos pode utilizar *você* de maneira adequada:

- I17:** Depende se eu as conheço e depende se elas ocupam algum cargo... eXERcem alguma autoridade.
- E:** Hum-hum, tá certo. Eh:: As mulheres mais velhas... hum... que você conhece, você... usa sempre *você* pra todas elas?
- I17:** As mulheres que eu conheço.../
- E:** [Mais velhas que você então. Se não houver essa questão de hierarquia?
- I17:** Vamos falar em faixa etária? Pode ser?
- E:** Pode ser...
- I17:** Se for eh:: uma pessoa mais velha do tipo sessenta, setenta anos que eu não conheça, eu vou utilizar *senhora*. E se for uma pessoa que eu conheça e que seja da faixa etária de sessenta, setenta anos, depende da ocasião. Se eu estiver tendo uma conversa formal – vamos supor que seja minha avó –, se eu estiver falando algo sério com a minha avó, eu vou chamá-la de *senhora*. Agora, se eu estiver numa conversa descontraída entre meus familiares e alguma coisa, eu vou chamá-la de *você*.

Percebe-se pelas palavras acima que I17 compreende que intimidade e informalidade nem sempre caminham juntas, pois utiliza *a senhora* com pessoas que não conhece, com as quais não há nenhum tipo de intimidade, e *você* com pessoas íntimas, como a avó, mas apenas em situações de informalidade. Quanto ao item “homens mais velhos que você”, este informante limitou-se a responder que a resposta era a mesma.

Da mesma forma, I30 fez considerações sobre o quão mais velhos seriam os ouvintes na elaboração de sua resposta, deixando claro, contudo, sua preferência pelo pronome *você*:

- I30:** Mulheres mais velhas eu também chamo de *você* a não ser que... esteja naquela situação, que seja realmente uma idade bastante avançada, né? Exemplo: mãe de um amigo meu.
- E:** Hum-hum. Tá ok. E homens mais velhos que *você*?
- I30:** A mesma coisa: eu chamo *você*... eu tenho essa... eu tenho coisa de que o chama/ o tratamento de *senhor* pode até não agradar muito as pessoas, né?

As respostas analisadas até aqui não deixam dúvidas quanto à complexidade do emprego dos pronomes de tratamento *o senhor/a senhora* e *você* no português brasileiro, uma questão complexa não só para os estrangeiros, mas também para muitos brasileiros, frequentemente envolvidos em *saia justa*. Nem sempre temos clareza quanto à adequação de nossas escolhas, nem sempre sabemos explicar com precisão qual forma usamos, quando e com quem, fato ilustrado pelo diálogo abaixo:

- E:** Hum-hum. E mulheres mais velhas que *você*?
- I03:** Também... sempre de *senhora*.
- E:** SEMPRE *senhora*?
- I03:** Sempre *senhora*! Tô falando no meio/ principalmente no meio profissional...
- E:** E fora do meio profissional? Mulheres mais velhas?
- I03:** Num primeiro contato também!
- E:** Hum-hum. E chamaria de *você* em alguma circunstância?
- I03:** Não...
- E:** Hum... Aí no caso... *você*... usa o tratamento *senhora* por serem mais velhas, pela idade, por qual motivo?
- I03:** [É, normalmente por serem mais velhas...
- E:** Hum-hum. E homens mais velhos que *você*?
- I03:** [Nenhum tipo de de intimidade ou liberdade pra... já de início ir tratando elas de de *você*, assim?! Sem mal conhecê-las?!]
- E:** E/ Mas se *você*... eh... hum... depois tiver intimidade com essa pessoa mais velha que *você*? *Você* muda pra *você* ou *você* continua utilizando *senhora*?
- I03:** Olha, normalmente eu mudo pra *você*.
- E:** Hum-hum.
- I03:** A não ser que realmente seja uma idade BEM mais avançada, aí que tenha essa... essa necessidade, ou não tenha um/ por mais que tenha liberdade, não tenha uma intimidade, digamos assim.
- E:** Hum-hum. E homens mais velhos que *você*?
- I03:** Também é o mesmo critério.

Apesar de ter afirmado inicialmente que não utilizaria *você* para se dirigir a uma mulher mais velha em nenhuma circunstância, I03 logo afirmou que o utilizaria ao ser questionado sobre a possibilidade de estabelecer intimidade com uma mulher mais velha, indicando também rapidamente uma grande distância

etária como um porém. Quanto a seu argumento de que pode haver liberdade sem intimidade, subentende-se que, caso não se sentisse confortável devido à pouca proximidade com seu ouvinte, continuaria a utilizar *o senhor/a senhora* mesmo que o ouvinte indicasse a não necessidade deste tratamento, o que caracterizaria uma ameaça à face positiva do ouvinte (cf. Goffman, 1967).

Outro trecho interessante, agora extraído da entrevista de I23, mostra a questão da aparência física como um dos fatores levados em consideração para a decisão de qual pronome utilizar:

- I23:** Depende muito, né? Depende. Às vezes tem umas que eu posso chamar de *senhora*, tem umas que eu chamo de *você*...
- E:** Hum-hum. E qual é o critério que você utiliza pra escolher *senhora* ou *você*?
- I23:** Eh:: Às vezes eh:: Às vezes você vê até pelo... aparência física, né? Você vê que tá acabada, você/ às vezes é até mais jovem, né, é até mais jovem, então você chama de... ((risos)) Tá meio maltratada pela vida, aí você chama assim: “*Senhora!*”. Ou às vezes pessoas que eu não conheço eu prefiro chamar de *senhora* porque tem pessoas que gostam, né?

Percebe-se que I23 utiliza a questão da aparência física como um critério bastante racional, pois já o havia mencionado ao responder ao item “mulheres da sua faixa etária”. Naquela ocasião, afirmou utilizar o pronome *você* mostrando preocupação em não ofender a ouvinte, pois “a gente chama muito de *senhora* quando a gente vê que tá mais acabada”. Agora, porém, sua preocupação é outra: o informante utiliza *a senhora* não só para se dirigir a pessoas cuja aparência física revela uma idade avançada, mas também como uma forma de não ameaçar a face (cf. Goffman, 1967) de uma ouvinte desconhecida, pois sabe que muitas mulheres fazem questão deste tratamento.

Quanto ao item “homens mais velhos que você”, não podemos dizer se I23 segue ou não o critério da aparência física, ficando clara apenas sua opinião sobre o pronome *o senhor*:

- E:** Hum-hum. E homens mais velhos que você?
- I23:** Eu chamo de *senhor*.
- E:** Hum-hum. Sempre ou depende também?
- I23:** [Não, sempre não! Depende! Depende! Depende!
- E:** [Depende?
- I23:** Porque às vezes... tem pessoas que nem gostam, né? Mas eu acho se/ eh:: eu acho uma coisa meio/ muito pesada...

Por sua vez, I29 justificou a variação no emprego de *o senhor/a senhora* e *você* por meio de exemplos:

- I29:** Eh:: Se eu tiver que oferecer um lugar pra alguém sentar... se eu tô oferecendo um lugar pra sentar, eu não posso chamar essa pessoa de *você*. “A *senhora* quer sentar?”, pra ficar claro o porquê que eu tô oferecendo o lugar. Então é isso.
- E:** E homens mais velhos que *você*: é *senhor*, *você* ou depende?
- I29:** Só se for alguém assim... com uma situação muito diferente da minha... mas não diferente socialmente, diferente... num sentido mais... social. Então se eu tiver que oferecer ajuda pra alguém mais velho do que eu, eu vou chamar ele de *senhor* porque eu tô oferecendo ajuda, mas se for num papo ou alguém que me foi apresentado, vai ser *você*.

Depreende-se das respostas acima que I29 utiliza *o senhor/a senhora* para se referir a mulheres e homens mais velhos do que ele em situações onde as dificuldades resultantes do período pós-maturidade são evidentes. Acreditamos que o segmento “mas não diferente socialmente, diferente... num sentido mais... social” significa que o informante não está se referindo a status, a prestígio social, mas a uma questão de bem-estar.

Em relação a I25, último informante analisado deste grupo, devido à palavra “normalmente” ter sido utilizada antes de “senhora”, entendemos que tanto para mulheres mais velhas quanto para homens mais velhos que ele o pronome utilizado é *o senhor/a senhora*, pois a própria idade pede que assim o seja, isto é, é o comportamento socialmente esperado, mas que há casos em que o tipo de relacionamento, embora não explicitado, permite o emprego de *você*:

- I25:** Normalmente *senhora*.
- E:** Por quê?
- I25:** Sei lá! É um costume mesmo, né, pessoas mais de idade eu tratar como *senhora*.
- E:** E se for homem, um homem mais velho: sempre *senhor*, às vezes *você*, vai depender...?
- I25:** Depende assim muito do relacionamento, né? O primeiro contato, normalmente uma pessoa mais velha, eu trato de *senhor*.

Quanto aos quatorze informantes do sexo feminino que utilizam *o senhor/a senhora* em determinados contextos e *você* em outros, três levantaram a questão da existência ou não de intimidade para explicar a variação, sendo *você* utilizado

com mulheres e também homens mais velhos com os quais há intimidade, e o *senhor/a senhora* com aqueles mais distantes:

- I04:** Se eu não tiver intimidade, *senhora*.
E: Hum-hum. E se tiver intimi/ Hum-hum. E se tiver intimidade vai
I04: [(incompreensível)]
E: ser sempre *você*?
I04: [*Você*, com certeza! É *você*...]
E: Por quê?
I04: Pela intimidade mesmo.
E: Hum-hum. E homens mais velhos que *você*?
I04: *Senhor*.
E: Por quê?
I04: Se eu não tiver intimidade... é pelo respeito, né?
E: Hum-hum. Então se tiver intimidade vai ser *você*?
I04: Isso.
- I15:** Mulheres mais velhas do que eu? Eh:: nor/ Depende, né? Eh:: Se for uma pessoa que eu tenha intimidade, é:: *você*. Se eu não tenho intimidade, normalmente é *senhora*.
 Forma de respeito.
- I19:** Depende. Se for/ eu tiver intimidade, seria *você*, mas a princípio sempre uma pessoa mais velha é *senhora*.

Outras duas informantes citaram, além da questão da intimidade, a hierarquia como fator determinante:

- I12:** Se for numa situação de... de falta de intimidade como numa loja ou uma pessoa... não sei, de uma importância hierárquica maior do que eu, acho que trataria de *senhora*. E o mesmo para os homens.
E: Mesmo pro homens... Tá ok. E quando *você* trataria uma mulher mais velha ou um homem mais velho de *você*?
I12: Quando... já/ Quando já tiver um/ já conhecer há mais tempo, já tiver estabelecido uma... uma relação de cordialidade...
- I20:** Depende. Depende. Eh:: Se forem pessoas eh:: que eu não tenho muita intimidade e que possuem um cargo de superioridade, provavelmente *senhora*.
E: E homens mais velhos que *você*?
I20: Quase sempre de *senhor*.
E: Por quê?
I20: [[Quase sempre.
 Pelo/ O meu critério particularmente de uso é mais a intimidade mesmo.
E: Hum-hum. Hum... Mas aí eu falei homens mais velhos!
I20: Mesmo sendo mais velhos. Se for uma pessoa que eu tenha mais intimidade é *você*.

Assim como relatamos ao apresentarmos as respostas de I02, I07 e I27 relativas ao uso de *o senhor/a senhora* e *você* em contextos variados, percebemos entre os informantes do sexo feminino três casos (I09, I13 e I21) em que a falta de detalhamento também não permitiu que pudéssemos refletir sobre os contextos considerados pelos informantes de forma incontestável:

I09: Depende do do... do do grau de relacionamento.

I13: Depende da relação... que eu tenha com ela.

I21: Depende da situação, depende da pessoa e depende do grau de afinidade.

Entretanto, parece-nos ser possível que estas informantes tratem desconhecidos como *o senhor/a senhora* em qualquer ocasião e, quando as pessoas forem conhecidas, a formalidade ou informalidade da situação, a intimidade ou o distanciamento que caracterizam a relação entre os interactantes e o quão mais velhos são seus interlocutores influenciem suas escolhas.

Ainda considerando o fator intimidade, I10 e I11 fizeram referência à questão do conservadorismo e à questão de quão mais velhas são as mulheres mais velhas, respectivamente, o que é válido também para homens mais velhos que as informantes:

I10: É, depende da mulher, depende da situação...

E: Hum-hum.

I10: [[Porque tem pessoas que são um pouco mais... mais de idade e:: eh:: são pessoas muito conservaDOras, entendeu? Dependendo da CRIAÇÃO que essas pessoas tiveram...

E: Hum-hum, entendi. E as mulheres mais velhas que você chama de *você*: por que você chama de *você* essas mulheres?

I10: Porque temos a mesma idade, às vezes porque...

E: [Não, não! Mulheres mais VELhas que você. Se você chama de *você*, qual é o motivo?

I10: Ah, tá. Se eu chamo de *você* é porque nós temos intimidades, são mulheres/ sendo mais velhas, mas a gente tem uma cabeça muito boa, entendeu, uma amiZade, entendeu, muito bacana que não há necessidade de se chamar de *senhor*, de *senhora*.

I11: Depende. Se for assim... eh:: sessenta anos pra cima e não tiver mui/ uma relação muito próxima, eu vou usar *senhor* ou *senhora*.

Encontramos ainda outras três informantes preocupadas em satisfazer a face positiva de suas ouvintes (cf. Goffman, 1967), atendendo ao pedido direto que

substituam a forma de tratamento *a senhora* por *você* ou tentando perceber suas preferências:

- I01:** Depende da mulher porque tem mulheres que não gostam que chamem de *senhora*. Então às vezes eu CHAmo e ela pede pra não chamar, aí eu começo a chamar de *você*.
- I06:** *Senhora* a princípio... e:: se a pessoa não gostar... daí eu mudo pra *você*.
- I08:** Eh:: Eu posso eh eh/ Depende de eu experimentar uma coisa e outra e ver qual é a reação dela. ((rindo)) A que eu achar que ela se sentiu melhor e que gostou eu vou falar, vou usar.

A última informante analisada focou apenas o fator idade, precisando a distância etária:

- I18:** Aí eu acho que depende da idade. Por exemplo: na faixa dos seus sessenta, setenta, vão ser sempre *senhora* porque eu acho que é uma questão de educação, é uma questão de respeito, é uma questão realmente de você ser formal com a pessoa, né? Eu acho que lá pelos seus trinta, quarenta... *você*.
- E:** E homens mais velhos que você?
- I18:** No geral... *senhor*.
- E:** Por quê?
- I18:** Vou ficar repetitiva... ((risos))
- E:** Não tem problema.
- I18:** Eu acho que é é isso mesmo: é uma questão de de respeito, é uma questão de/ A pessoa é mais velha que você, então ela tem uma vivência maior, uma experiência maior, então, assim, VOCÊ fica muito NOva, então parece que a pessoa tem MUITO pra te passar. Então ela/ pelo fato dela ser experiente, eu acho que ela ganha um tratamento mais formal.

Sendo assim, entendemos que nos casos em que os informantes não conhecem seus interlocutores, a distância etária existente entre eles é crucial para o emprego de *o senhor/a senhora*, mesmo quando não há hierarquia ou a situação pode ser caracterizada como informal. Quantos aos interlocutores conhecidos, a distância etária foi também mencionada por alguns informantes como decisiva para o emprego de *o senhor/a senhora*, mas a existência de uma grande intimidade ou um pedido do interlocutor podem propiciar o emprego de *você*.

4.7

Conclusões parciais (2)

Como dissemos na seção 4.1 deste capítulo, pretendíamos com os itens que compõem o Grupo 4 verificar a existência de algum outro fator que pudesse concorrer para a escolha do tratamento destinado a conhecidos cujos papéis não tivessem sido definidos (como nos primeiros três grupos) e a desconhecidos, já determinada a faixa etária destes e excluindo-se o fator intimidade por estarmos tratando de desconhecidos.

Ao compararmos a análise dos dados referentes aos Grupos 1, 2 e 3 à análise dos dados referentes ao Grupo 4, verificamos que a igualdade ou diferença etária, questões referentes às dicotomias proximidade/distanciamento e formalidade/informalidade permeiam com mais ou menos intensidade todos os grupos. Contudo, um fato interessante foi revelado: em relação aos três primeiros grupos, apenas I12 fez menção à questão da ofensa que o tratamento *o senhor/a senhora* pode causar por muitos o relacionarem a um tratamento destinado a pessoas de idade avançada, e apenas uma única vez (em relação à sogra), como fator determinante para o emprego do pronome *você*. Uma vez que sogra e nora interagem em situações não fortuitas, ou seja, trata-se de uma relação que existe há um determinado período de tempo, podemos supor que o fato de I12 acreditar que sua sogra se ofenderia com o tratamento *a senhora* por vinculá-lo à velhice deve-se a sua percepção quanto ao comportamento da sogra ao longo do tempo. Por sua vez, os seis informantes que mencionaram o valor negativo do tratamento *o senhor/a senhora* e a possibilidade de seus interlocutores se ofenderem o fizeram em relação a desconhecidos ou a pessoas cujo contato ocasional não possibilitou que percebessem uma preferência quanto ao tratamento recebido, ou seja, se basearam no que acreditam ser adequado segundo normas sociais de comportamento atualmente. Portanto, o emprego de formas e pronomes de tratamento no português brasileiro pode revelar muito de nossa cultura para o estrangeiro. Neste caso, revela a vaidade dos brasileiros e a preocupação com a juventude e a longevidade.

4.8

Outros casos

Esta seção refere-se às duas perguntas da segunda parte da entrevista. Optamos por analisá-las separadamente por se tratarem de perguntas abertas, ou seja, não demos aos informantes opções de resposta.

4.8.1

Quando os filhos se tornam *o senhor/a senhora*

Ao descrever o sistema ternário de tratamento característico do português brasileiro, Santos (2003) chamou atenção para um caso específico em que *o senhor/a senhora* é usado por pais ao se dirigirem a seus filhos: *você* é geralmente substituído por *o senhor/a senhora* quando a intenção dos pais é enfatizar uma ordem, chamando a atenção dos filhos. Meyer (2004) também menciona o emprego de *o senhor/a senhora* para se falar com crianças quando o objetivo é repreendê-las, mas acrescenta que tal tratamento pode ser usado não só pelos pais, mas por irmãos mais velhos, parentes também mais velhos e professores. Assim, decidimos perguntar aos informantes com filhos se, em alguma ocasião, estes referiam-se diretamente a seus filhos utilizando o tratamento *o senhor/a senhora*. Caso os informantes dissessem que não possuíam filhos, perguntávamos então se seus pais utilizavam tal tratamento com eles em alguma ocasião ou, no caso dos informantes mais velhos, se estes lembravam de algum tipo de ocasião em que eram tratados como *o senhor/a senhora*. Nosso objetivo não era confirmar a descrição feita por Santos (2003) e Meyer (2004), mas tentar obter informações a respeito de algum outro contexto que nos permitisse observar o mesmo tratamento em relação aos filhos. Por isso mesmo, não foram dadas opções de resposta aos informantes, nem mesmo mencionamos a situação de chamar a atenção dos filhos como possibilidade a fim de não influenciá-los.

Em relação à relevância de se descrever contextos que proporcionem a observação do tratamento *o senhor/a senhora* com os filhos para o ensino de PL2-E, acreditamos ser importante para um estudante de intercâmbio que se encontre

em casa de família brasileira entender, por exemplo, o que está por trás de uma pergunta como “O senhor vai ficar em casa estudando pra prova de amanhã ou vai sair de novo?”. É preciso que este aluno entenda que, em casos como este, espera-se que ele atenda à ordem “implícita” na pergunta.

Dentre os quinze informantes do sexo masculino, sete não tinham filhos, mas responderam à pergunta “Seus pais se referem a você utilizando o tratamento *o senhor* em alguma ocasião?”. Os outros oito informantes, como tinham filhos, responderam à pergunta “Você se refere a seu(s) filho(s)/sua(s) filha(s) utilizando o tratamento *o senhor/a senhora* em alguma ocasião?”.

Dos informantes sem filhos, três responderam “Não” e quatro afirmaram que seus pais utilizavam ou já tinham utilizado *o senhor* como forma de repreensão ou ao questioná-los sobre algum assunto, como mostram as respostas abaixo:

- I16:** É, quando tem que me dar esporro. ((risos)) Alguma coisinha mais séria, assim, me chamam de *senhor*.
- I17:** Quando... sou chamado atenção por algo que eu tenha feito de errado.
- I26:** Ah! Eu acho que de repente num momento que tá... “O *senhor* tá fazendo o quê?”, “O *senhor* vai fazer o quê?”. Nesses momentos já... sim.
- E:** Hum-hum. Aí seria um momento de quê? Como é que você classificaria?
- I26:** De... vamos dizer assim... quase um interrogatório. ((rindo))
- I28:** Só quando era pra dar bronca. ((risos))

Dos informantes com filhos, cinco responderam “Não” à pergunta feita e três afirmaram que utilizavam ou já tinham utilizado *o senhor/a senhora* ao se dirigirem aos filhos para chamar atenção ou como forma de repreensão:

- I02:** Só em algumas ocasiões onde... ((rindo)) hum... eh:: eu quero chamar uma atenção dele BEM firme... hum... e aí eu chamo ele de *senhor*.
- I25:** Não sei, né? ((risos)) Pode ser que que seja assim pra dar uma bronca, alguma coisa, mas não não é muito comum não, né? Normalmente não é muito comum, né? ((rindo))
- I30:** Não, raramente... Mas aí é quando fazem alguma coisa de errado, né?
E é pra chamar a atenção.

Dentre os quinze informantes do sexo feminino, oito não tinham filhos, mas responderam à pergunta “Seus pais se referem a você utilizando o tratamento *a senhora* em alguma ocasião?”. Por sua vez, os sete informantes do sexo feminino

com filhos responderam à pergunta “Você se refere a seu(s) filho(s)/sua(s) filha(s) utilizando o tratamento *o senhor/a senhora* em alguma ocasião?”.

Das mulheres sem filhos, apenas duas responderam que isto nunca havia ocorrido. As outras seis afirmaram que seus pais utilizavam ou já tinham utilizado *a senhora* como forma de repreensão, ao serem irônicos ou como uma “brincadeira”:

- I04:** Só de ironia, né? ((risos))
- I06:** Sim. Quando eles tão... querendo... brincar comigo... “O que *a senhora* tá fazendo?” – uma coisa assim, num tom de brincadeira. Num tom sério no dia-a-dia é *você*.
- I13:** Quando brigavam comigo.
- I18:** Ah, eu acho que talvez só quando seja pra dar uma curtida com a minha cara, só numa situação assim. ((risos)) Tipo: “*A senhora* vai sair a essa hora?”, “Isso são horas da *senhora* chegar?”. Acho que só nesse sentido. ((rindo))
- I20:** Geralmente quando eles querem brigar comigo ou ou ou... chamar minha atenção... ((rindo))
- I21:** RARAMENTE, em caso de uma BRONCA... se quiserem chamar atenção... só nessa situação.

Ao verificarmos as respostas dadas acima, percebemos que a resposta de I04 poderia ter sido um pouco mais explorada pelo entrevistador, pois a ironia pode ser utilizada de várias formas e com diferentes finalidades. Contudo, o fato de termos os dados pessoais e número de telefone e/ou e-mail de cada informante possibilitou que entrássemos em contato e obtivéssemos mais detalhes sobre sua resposta, o que se revelou bastante produtivo, pois as informações obtidas de I04 foram bem interessantes. Desta forma, I04 esclareceu que tanto sua mãe quanto seu pai utilizavam *a senhora*, eventualmente, ao oferecerem alguma coisa ou ao informarem que algum pedido seu já havia sido atendido, comparando-a a uma patroa, assim exemplificando sua resposta: “*A senhora* vai querer um peixinho no almoço?”, “Ô madame, o carro da *senhora* já tá lavado!”.

Das mulheres com filhos, quatro afirmaram não utilizar *o senhor/a senhora* com os filhos em nenhuma ocasião e três afirmaram que o utilizavam ou já o tinham utilizado como forma de repreensão, para enfatizar uma ordem ou como uma brincadeira:

- I14:** Às vezes eu chamo de *senhora* quando eu quero dar uma bronca... uma coisa assim.
- I19:** Às vezes de brincadeira eu falo.
- I01:** ((silêncio)) Chamo, é verdade! “A *seNHOr*a já escovou o dente?” – nessas horas eu chamo de *senhora*.
- E:** Pra chamar atenção, pra dar bronca?
- I01:** [É, pra enfatizar mais uma... situação.

Da mesma forma, decidimos entrar em contato com I19 para que esta esclarecesse a que tipo de brincadeira se referia. Sua resposta foi bastante interessante também, pois a informante explicou que era uma forma de chamar atenção da filha sem dar bronca e dar ordens sem que estas parecessem ordens, ou seja, imprimir à repreensão e às ordens um tom carinhoso ou mesmo de brincadeira era uma forma de ser facilmente atendida. Contudo, sua filha reconhecia no emprego do pronome *a senhora* que algo deveria ser feito ou que algo errado foi feito, o que nos permite dizer que, neste caso, o emprego de *a senhora* tem também como objetivo repreender ou enfatizar uma ordem. Como exemplo, citou situações do dia a dia de uma criança, mencionando uma das “brincadeiras” que faz quando sua filha não escova os dentes: “Que bafo de onça! Por que é que *a senhora* ainda não escovou os dentes? Quer que a mamãe desmaie?”.

No geral, percebemos que nas situações descritas pelos informantes cujos pais utilizam ou utilizavam *o senhor/a senhora* ao se dirigirem a eles e pelos informantes que utilizam *o senhor/a senhora* com seus filhos o emprego deste pronome tinha como objetivo repreender ou enfatizar uma ordem como observado por Santos (2003) e Meyer (2004). Mesmo nas situações descritas por I04, I06, I18 e I26, que se referiram, respectivamente, ao emprego de *o senhor/a senhora* como uma expressão de ironia, uma brincadeira, uma zombaria e para exigir explicações, vemos claramente o objetivo dos pais de chamar atenção dos filhos para algo com o qual não concordam ou repreendê-los.

No caso dos quatro informantes mencionados anteriormente, vemos refletida uma questão cultural: com idades entre 21 e 30 anos, estes informantes fazem parte da chamada “geração canguru”, que distingue-se da geração de seus pais devido ao fato de adiarem sua saída da casa paterna. Segundo Henriques (2004), alguns destes jovens adultos são independentes financeiramente, mas preferem continuar vivendo com os pais, que se mostram igualmente satisfeitos com esta

situação. Esta preferência pode ser explicada pelo que a autora chama de “tendência aos modos horizontais de relação” ou “neutralização da hierarquia”, ou seja, nos dias atuais, há um enfraquecimento da noção de autoridade e mais lugar para o diálogo, caracterizado por permissões, posturas de companheirismo e falta de limites.

No caso de I04, entendemos que o emprego de *a senhora* nas situações descritas é uma forma de seus pais chamarem sua atenção para o fato de I04 não mais ser uma criança, o que significa que eles não têm obrigações com ela, mas escolheram fazer-lhe alguns favores. Segundo reportagem de Mendonça (2004) para a Revista Época, as mães, principalmente, demonstram uma ambivalência de sentimentos, falando com pesar das exigências dos filhos, tais como boa comida e roupa bem passada, e, ao mesmo tempo, manifestando certo orgulho por terem criado filhos que têm exigências. Consequentemente, acabam atendendo a estas exigências como uma forma de dizerem “fica”.

No caso de I06 e I18, pelo fato de as informantes compreenderem o emprego de *a senhora* como uma brincadeira, percebemos que o objetivo dos pais parece ser alertá-las sobre as possíveis consequências de suas atitudes ou mostrar que não concordam com elas, sempre num “tom de brincadeira” para evitar conflitos, o que evidencia a questão da neutralização da hierarquia citada por Henriques (2004).

Por sua vez, o objetivo dos pais de I26 pode também ser o mesmo descrito no parágrafo anterior, mas o fato deste informante perceber o emprego de *o senhor* em situações nas quais parece ter se instaurado um interrogatório sugere que a noção de autoridade é uma questão que ainda precisa ser resolvida.

Sendo assim, não obtivemos respostas que pudessem evidenciar o emprego de *o senhor/a senhora* em relação aos filhos em outros contextos além daqueles evidenciados por Santos (2003) e Meyer (2004). Entretanto, acreditamos terem sido as respostas dadas elucidativas e bastante enriquecedoras para nossa análise.

4.8.2

A (não) exigência do tratamento *o senhor/a senhora*

Como dissemos no capítulo 1 deste estudo, as perguntas que compõem a entrevista foram elaboradas, principalmente, com base nos contextos de interação evidenciados por Meyer (2004). Foram exatamente suas considerações a respeito da influência que a distância social exerce na escolha dos pronomes de tratamento que nos motivaram a elaborar a última pergunta de nossa entrevista – “Por quem você faz questão de ser chamado(a) de *o senhor/a senhora*?” – cuja resposta deveria ser também justificada.

Dos quinze informantes do sexo masculino, apenas três afirmaram fazer questão do tratamento *o senhor*, I02 e I05 apenas no trabalho, pois trata-se de um regulamento do meio militar, e I27 geralmente quando interage com estranhos, pois prefere impor um distanciamento logo de início a correr o risco de uma proximidade que desagrade:

I02: Eh:: Eu não/ Eu eu faço questão de ser chamado de *senhor*... hum... quando os níveis hierárquicos dentro do trabalho, principalmente... hum... eh eh PEDEM, tá, que eu seja chamado de *senhor*. Hum... das outras... ocasiões, em outras ocasiões e até mesmo em outros ambientes onde já se criou intimidade entre o o subordinado... hum... e a minha pessoa, em um ambiente não de trabalho, eu não faço questão, tá, de ser chamado de *senhor*, tá. Mas as ocasiões é NO TRABALHO, tá, PRINCIPALMENTE no trabalho, e por subodi/ subordinados.

E: E FORA do trabalho? Você faz questão de ser chamado por alguém?

I02: Não! Não! Fora do trabalho eu não faço nenhuma questão... hum... também não não não não busco... eh:: eh:: fazer com que a pessoa não me chame de *senhor*. Se chamou... hum... eu não... não ligo.

I05: ((silêncio)) Apenas... talvez no meu trabalho... por uma questão regulamentar... pelos mais modernos... só isso.

I27: Eu falo que eu tenho uma relação, dependendo das das pessoas, um tratamento por por (você), né? Agora, o... eu... Veja bem, você/ O tratamento de *senhor* é um tratamento que que implica um um determinado, no meu ponto de vista, eu não sou estudante dessa história toda, tô te falando a partir da minha vivência etc., então posso tá sujeito aí a falar besteira, né, mas implica um... um... uma certa referência, né? Existe ali uma... De repente eu tô na rua... eu/ obviamente eu não... não sei com quem que eu que vou estar lidando... Dependendo da situação, eu prefiro ser tratado como *senhor* pra realmente colocar uma certa eh eh eh eh... distância nesse tratamento, não dar margens a a a... más interpretações, coisas dessa forma, que realmente são indesejáveis e podem criar situações eh:: chatas. Só por esse motivo!

Quanto aos outros doze informantes que não fazem questão do tratamento *o senhor*, vários foram os motivos apresentados.

Mencionaram o fato de serem jovens três informantes com idades abaixo de 25 anos:

I16: Por ser novo...

I17: No momento... porque no/ na idade que eu me encontro... ser chamado de *senhor*... ((rindo)) Existe até uma brincadeira: seria uma ofensa, né? Não concordo de ser chamado de *senhor*.

I26: Porque... não tenho idade pra isso. ((risos))

Outros dois informantes, I03 e I09, afirmaram não fazer questão do tratamento *o senhor* por este não denotar, para eles, um sinal de respeito:

I03: Porque não... isso pra mim não não... não modifica, não altera o respeito ou o tratamento por aquela pessoa.

I29: Porque isso não é... *O senhor* não é um... não é um sinal de nada. O cara pode tá te tratando respeitosamente e no fundo achando “esse cara é uma merda...”, mas tem que chamar ele de *senhor*. Então... não é/ isso não é/ não é o tratamento que gera respeito.

Por sua vez, I07 e I25 destacaram a preferência pela informalidade:

I07: Porque eu prefiro tratamentos informais.

I25: Eu acho que é uma coisa muito formal e eu não sou uma pessoa formal, né?

A questão de *o senhor* denotar um tratamento de inferior para superior foi destacada por I22. Neste caso, o informante deixa claro que está se referindo, exclusivamente ou principalmente, a subordinados, pois afirma não gostar do distanciamento resultante de uma avaliação baseada em comparações entre as pessoas:

I22: Porque eu eu eu não gosto de... distância entre as pessoas. Eu eu eu gosto de me sentir próximo, não gosto de SER melhor ou pior que que ninguém. Então eu já... passo a tratar as pessoas e peço pra que elas me tratem como *você*, a forma mais simples possível.

Assim como I22, I23 acredita que *você* é um tratamento que coloca os interactantes em pé de igualdade, mas também não faz questão de não ser chamado de *o senhor*:

- I23:** Sei lá. Se me chamar de *senhor*, eu eu fico na minha. Mas se não me chamar, chamar de *você*, eu acho um tratamento assim... tão... igual por igual, né? Eu acho muito legal isso. Vai chamar de *senhor*? Te dá um... né? Tem muita gente que ainda pega esse pique, né? *Senhor* parece que vai lá em cima, né? Eu não. Acho que o tratamento é igual. Cada um com seu cada um.

I24 e I28 também não fazem questão do tratamento *o senhor*, ressaltando o primeiro, porém, que o aceita e o segundo, que o exige em determinadas circunstâncias, ambos a fim de evitar excesso de intimidade:

- I24:** Por... por... por não haver necessidade. Agora, se me chamar, eu acho... A empregada já é: “Ô, Seu Oswaldo!”. Tudo bem... Também não vou dizer “Ah, me chama de *você*!”. Aí de repente eu tô... quebrando aí um... um pouquinho de uma hierarquia e:: a coisa pode virar bagunça.
- I28:** Eu acho que eu não tenho... Apesar da... da minha educação, de eu agir dessa forma, eu também não vejo a necessidade... a menos que eu sinta uma certa intimidade que me incomode. Aí eu já dou um jeito de de mudar a situação, aí eu já... Mas assim a princípio não não vejo o porquê de ninguém me chamar de *senhor*, não. Já basta me chamarem no metrô pra me ceder o lugar... ((risos))

Por último, além de demonstrar sua opinião quanto à naturalidade do emprego do pronome *você*, I30 destacou a questão da aparência física, mostrando-se preocupado com sua autoimagem:

- I30:** Primeiro porque envelhece, né? ((risos))
- E:: segundo que eu acho normal, eu acho normal a gente utilizar essa... esse nome, né, *você*. Acho que é normal! Não precisa do meu filho me chamar de *senhor*.

Quanto às mulheres, três afirmaram fazer questão do tratamento *a senhora* proveniente de subordinados como uma forma de deferência, enfatizando assim a distância social e a exigência de que seja mantido um distanciamento (I09 refere-se a sua empregada e aos porteiros; I10 refere-se a sua empregada, aos porteiros

jovens e a jovens estranhos; I11 refere-se aos porteiros, a taxistas e prestadores de serviços):

- I09:** (...) Eu faço questão é minha empregada, o pessoal do condomínio... pra gente manter uma distância.
- I10:** É uma forma de respeito, às vezes, assim, uma forma das pessoas saberem às vezes o seu devido lugar.
- I11:** Justamente pra manter esse distanciamento...
Eu acho que... que *senhor/senhora* mantém bastante um... um distanciamento.

Da mesma forma, I18 demonstra satisfação (não ficou claro se há exigência) pelo tratamento *a senhora* proveniente de subordinados e prestadores de serviços como forma de manter um distanciamento, mas menciona também que ser chamada de *a senhora* por um vizinho distante e aceitar tal tratamento é uma maneira de dizer a ele que não se aproxime:

- I18:** ((silêncio)) Nossa! Essa daí... ((silêncio)) Na verdade, eu não sei se eu gosto de ser chamada de *senhora* não. Mas eu acho que talvez... não sei... por um porteiro, de repente por um vizinho com quem eu não tenho muita intimidade, não QUERO também ter muita intimidade ou proximidade, entendeu? Não sei. Eu acho que assim... Não sei. De repente um prestador de serviço... alguma coisa assim.
- (...)
- É... Pra demonstrar assim um certo respeito. Às vezes você não quer muita intimidade com a pessoa, então eu acho que é pra realmente estabelecer, tipo: “Ó, aqui a situação é assim, entendeu?”

Por sua vez, I06 afirmou não fazer questão de ser chamada de *a senhora*, mas indicou sua preferência por este tratamento quando proveniente de subordinados, pois denota respeito:

- I06:** Fazer questão, ninguém! Mas eu GOSTO de ser chamada por *senhora* pelos porteiros do meu prédio porque... eu acho que indica que eles têm respeito por mim. E se alguém vai na minha casa instalar alguma coisa, eu GOSTO também quando me tratam como *senhora*, eu me sinto respeiTAda. Mas fazer questão... ninguém.

Outras três informantes com idades entre 30 e 55 anos demonstraram não gostar do tratamento *a senhora*, pois este faria referência direta a mulheres de idade avançada:

- I01:** Eu acho... Na minha cabeça é como se *senhora* fosse BEM mais velha, não necessariamente eu não sou ((rindo)), né, porque eu já tô com quase quarenta, mas... eu não faço questão que me chamem de *senhora*.
- I14:** Porque eu me sinto jovem e não gosto de ser chamada de *senhora*.
- I19:** Porque eu me sinto velha! ((risos))
- I21:** Por ninguém, em nenhuma situação, porque... eu não sou *senhora*.

A preocupação em mostrar-se sempre jovem é, na verdade, uma tendência nos dias atuais. O culto à beleza que vem se desenvolvendo no Brasil e a imposição de padrões estéticos torna o envelhecimento algo negativo e que se busca adiar a todo custo. Desta forma, ser chamada de *a senhora* pode realmente ser uma ofensa. De acordo com uma reportagem de Santos (2009) para a Revista Veja, muitas lojas treinam suas vendedoras para que tratem suas clientes de maneira informal, chamado atenção para o fato de que chamá-las de *senhora* pode ser interpretado como um desaforo. Segundo uma das entrevistadas, suas vendedoras são orientadas a tratar as clientes pelo nome ou por *você*, pois as clientes fazem compras para que se sintam bem, não para que se sintam velhas.

A questão acima também foi, de certa forma, mencionada por I04. No entanto, apesar de sentir o peso da idade quando tratada como *a senhora*, não exige que a chamem de *você*:

- I04:** Acho que... pela questão da idade, né? Parece que a idade pesa quando me chamam de *senhora*. E e também depende! Se se são os meus alunos que me chamam de *senhora*, eu peço que me chamem de *você*... Mas se uma pessoa na rua ou um atendente de uma loja me chama de *senhora*, aí eu... não falo nada, não repreendo.

A preferência por um tratamento informal e/ou próximo foi algo mencionado também pelas mulheres, duas para sermos mais precisos:

- I08:** Porque eu acho muito formal, cria um certo distanciamento e... como se a pessoa não tivesse muito à vontade.
- I12:** Porque eu sou uma pessoa muito... muito informal. Não... não... não acho que isso seja uma falta de respeito não... não me chamar de *senhora*.

Assim como os informantes do sexo masculino I03 e I09, I13 afirmou não fazer questão do tratamento *a senhora* por este não denotar nada mais especial que o tratamento *você*:

I13: Porque eu acho que não... não interfere em nada.

Por sua vez, I15 não demonstrou nenhum tipo de preocupação quanto ao tratamento a ela destinado, deixando que os falantes decidam qual forma utilizar:

I15: Eu... eu deixo as pessoas bem à vontade. Eu não tenho... não tenho nenhum problema com relação a essa questão não. Eu acho que eu deixo as pessoas bem à vontade na na colocação. Se quiserem me chamar de *senhora*, eu também não me oponho e esse *você* também não me opõe. Eu deixo as pessoas à vontade... na forma de tratamento.

Quanto a I20, embora não tenha mencionado o porquê de não fazer questão do tratamento *a senhora*, acreditamos que o fato de ter 24 anos possa ser a justificativa. A informante, que pretende ser juíza, afirma, no entanto, que fará questão deste tratamento quando exercer futuramente o papel de uma autoridade:

I20: Atualmente... ninguém. Mas eu acho que conforme eu eu vá crescendo na minha carreira, provavelmente eu vou querer aquela questão da autoridade, que me chamem de *senhora*. Atualmente, ninguém.

Fazer ou não questão de ser chamado de *o senhor/a senhora* envolve, portanto, o modo como desejamos ser reconhecidos pelos membros de nossa sociedade, ou seja, é uma questão individual que revela, dentre outras coisas, nossa formalidade ou informalidade, nossa preocupação ou indiferença quanto à questão da aparência física e a importância da obrigatoriedade de uma deferência por parte de um subordinado ou alguém mais jovem ou a não necessidade desta deferência por não ser importante, para o ouvinte, enfatizar a distância etária ou social.

4.9

Negociação do tratamento

Por meio da análise dos dados provenientes das trinta entrevistas realizadas para este estudo, foi possível observar que há uma variedade de fatores que motivam a escolha dos pronomes de tratamento *o senhor/a senhora* e *você*, evidenciando, assim, a complexidade do assunto, o que requer que este seja abordado de uma forma abrangente, levando em conta as sutilezas envolvidas em tais escolhas. Algumas destas sutilezas podem ser percebidas ao analisarmos as respostas dadas por nossos informantes que apontam uma possível substituição do tratamento, o que pode ocorrer de um contato inicial para contatos futuros ou quando há mudança de ambiente, por exemplo, através de uma negociação do tratamento.

De modo geral, os informantes parecem escolher o tratamento destinado a determinadas pessoas segundo normas sociais de comportamento, ou seja, seguindo um comportamento considerado adequado pelo senso comum. Entretanto, são estabelecidas durante a interação relações entre seus participantes que permitem negociar o tratamento futuramente ou de imediato. Um número considerável de trechos das entrevistas de diferentes participantes indicam que estes utilizam, num primeiro contato, o pronome que acreditam transmitir a idéia de polidez segundo convenções sócio-culturais, substituindo-o, se for o caso, à medida que se crie uma certa intimidade ou que a relação se torne confortável suficiente para indicar a não necessidade do pronome, *o senhor/a senhora*. Isto pode ser ilustrado pelos diálogo abaixo referentes ao pronome de tratamento utilizado com professores e homens da mesma faixa etária dos informantes, respectivamente:

- I03:** O critério inicialmente é chamar de *senhor* até que se crie um um estreitamento que me permita abolir a formalidade.
- I22:** Da mesma forma: tento não ser muito formal, a não ser que a situação exija, tipo... uma visita a a negócios, uma viagem a trabalho, alguma coisa assim. Mas de de qualquer forma, no decorrer da da viagem, da visita, enfim, eh:: pode ser que o tratamento mude, comece como como *senhor* e conforme vá ocorrendo as coisas, pa/ passe pra *você*. Eu prefiro sempre *você*.

Há também casos, como mencionamos, em que a negociação do tratamento pode ocorrer logo num primeiro contato ou assim que o ouvinte se manifesta, como numa situação em que haja um pedido explícito de substituição do tratamento. Como podemos verificar por meio da resposta de I06, esta informante afirmou substituir o tratamento *o senhor* utilizado com o sogro no primeiro contato por *você* devido a um pedido dele. Por sua vez, o informante I28 afirmou utilizar *a senhora* no trato de mulheres mais velhas que ele por uma questão de educação, ou seja, seguindo uma norma social de comportamento, uma estratégia de polidez (cf. Brown & Levinson, 1987) que funciona como mecanismo de preservação da face (cf. Goffman, 1967); contudo, há a possibilidade de mudança diante de um pedido da ouvinte:

- I06:** Porque... quando eu fui apresentada, eu tentei chamar de *senhor* e ele me repri/ me freou.
- I28:** Porque aí prevalece a questão da educação. E mais ou menos a mesma coisa: se se a pessoa disser “Ah, não precisa me chamar de *senhora*, pode me chamar de *você*”, aí eu me sinto mais à vontade. Se não houver nada, é *senhor* e *senhora* de qualquer forma.

Em relação a uma mudança de ambiente, um ouvinte tratado como *o senhor* em uma situação específica, ao exercer o papel de uma autoridade, por exemplo, ou ao participar de uma reunião formal, pode vir a ser tratado como *você* quando a informalidade da situação indicar ou o próprio ouvinte expressar este desejo. Nos exemplos abaixo, os ouvintes falam exatamente destas duas situações:

- I28:** Porque eu acho que tem a questão da formalidade. Você não conhece a pessoa... Se se você tá conhecendo ela na CONDIÇÃO de uma autoridade, então é *senhor* e *senhora* porque ela ali não é/ mesmo que seja seu amigo íntimo, mas ali ele tá desempenhando outro papel. Se você encontrar a pessoa na esquina pra beber cerveja, aí... dependendo da intimidade vira *você*. Mas assim, formalmente, como autoridade, é *senhor* e *senhora*.
- I17:** Depende da... da... da ocasião em que estamos trabalhando. Se estivermos trabalhando a dois na mesma sala onde é o meu trabalho, eu posso utilizar *você*. Agora, se estivermos em uma reunião onde existe um chefe superior a ele e que seja... – como se fosse um comando geral superior a ele – tivéssemos em reunião, eu utilizaria *senhor*.

Pode acontecer também de um falante não atender ao pedido do ouvinte, contrariando assim suas expectativas, como no caso de I26 quando questionado sobre o pronome de tratamento utilizado com sua sogra:

- E:** E como você a trata?
I26: Por *senhora*, mas ela não gosta que chamem ela de *senhora*, pede que chamem de *você*.
E: Hum-hum. Mas por que você a trata de *senhora*?
I26: [Aí...
 Ah, por educação, né?
E: Hum-hum. Hum... Aí... O que que você ia falar?
I26: Aí ela não gos/ ela pede pra mu/ porque ela fala que... “A *senhora* está no céu!”.

Da mesma forma, I05 decidiu não substituir o pronome *o senhor* utilizado com o sogro mesmo depois de perceber ou ser informado da não necessidade deste tratamento:

- I05:** Por uma relação de respeito, embora ele também não exija que eu chame ele de *senhor*, mas eu impus isso a mim.

Acreditamos, portanto, que a negociação do tratamento dependa das convicções e características individuais dos interactantes, do espaço físico e dos objetivos de cada interação, optando os interactantes pela negociação ou não. Entretanto, em todos os casos, a substituição de um tratamento que denote formalidade ou distanciamento por um que denote informalidade ou proximidade depende da autorização do ouvinte, quando este está numa posição superior à do falante, e do querer do falante, quando o ouvinte é aquele que se encontra numa posição inferior. Isto quer dizer, por exemplo, que um funcionário só poderá utilizar *você* ao se dirigir a seu chefe se o último autorizar o primeiro, e que uma moradora só atenderá ao pedido do porteiro de ser tratado como *você* se a primeira repensar sua atitude e concluir que a mudança pode ser feita. É necessário, portanto, que sejam fornecidos ao falante meios para que este perceba o contexto em que está inserido (cf. Hall, 1998), podendo, assim, fazer escolhas apropriadas nas interações que envolvam falantes de outras línguas e/ou quando imerso em uma cultura diferente da sua.